

Hennemann: “É a instituição que precisa aparecer, não a pessoa”

Em sua última entrevista como reitor, professor ressaltou as características que marcaram seus quatro anos de gestão

Ao concluir o mandato como reitor de uma das mais conceituadas universidades públicas federais brasileiras, o engenheiro José Carlos Ferraz Hennemann afirma que a UFRGS precisa manter a missão colocada dentro de seu Estatuto que é a de sua presença dentro da sociedade: “Esse é o nosso norte”. Compromisso que ele acredita ter cumprido com a adesão da Universidade às ações afirmativas, mantendo o padrão de qualidade do ensino. Os avanços na assistência estudantil e na busca de recursos para atender demandas nessa área, bem como a construção de dois prédios exclusivos de salas de aula, firmando uma nova concepção sobre ampliação do espaço físico, são outros destaques do professor Hennemann ao fazer um balanço de sua administração.

Página Central



Uma das marcas da gestão 2004-2008, foi a adesão da UFRGS ao Reuni, que permitirá um crescimento ainda maior da instituição, preservando a qualidade

FOTOS: FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



Como foi a edição 2008 do Salão de Extensão

O evento, que neste ano registrou recorde de público, mobilizou extensionistas da UFRGS e de outras universidades. Além das apresentações de pôsteres, comunicações orais, oficinas e minicursos, o Salão teve uma *Mostra Interativa*, que atraiu visitantes de todas as idades. Para os bolsistas envolvidos em projetos com atuação direta na comunidade, a extensão é a melhor parte de sua formação universitária. No entanto, muitos estudantes ainda não têm essa consciência.

P6

JORNALISMO

STF discutirá exigência do diploma para exercício da profissão

P2

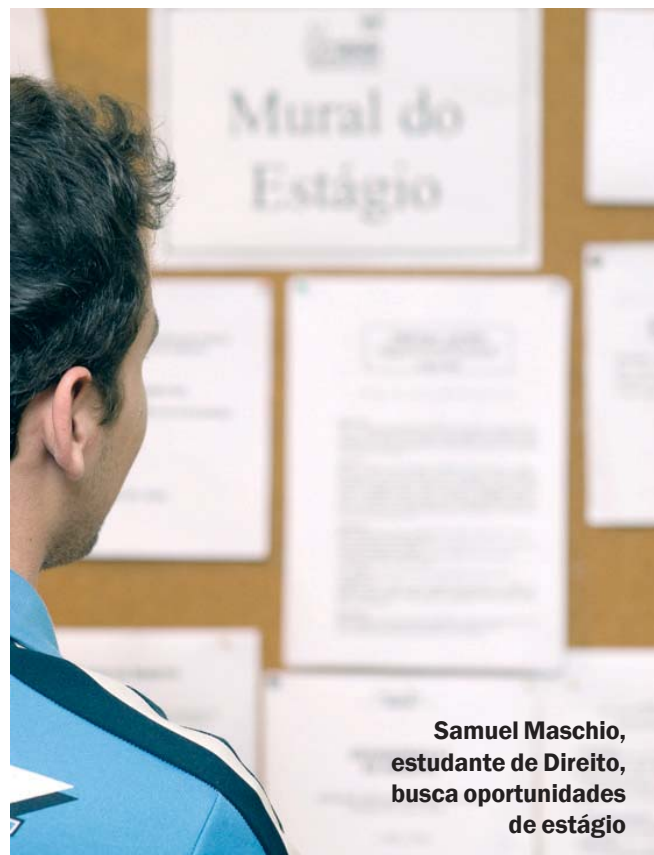
ESTÁGIOS

Novo projeto de lei confirma necessidade de repensar realidade

O objetivo do estágio é possibilitar aos estudantes uma experiência prática em sua área de atuação profissional, devendo ser uma ferramenta complementar de aprendizado. Por isso, seu contrato não configura vínculo empregatício. Muitas vezes, no entanto, as atividades desempenhadas pelos estagiários pouco têm a ver com seus cursos, as horas de trabalho são longas, os benefícios raros e as responsabilidades abundantes. Para mapear essa realidade, o *Jornal da Universidade* falou

com estudantes da UFRGS que conhecem a vida de estagiário de perto. Todos, logo de partida, ressaltaram a importância dessa experiência prática, mas não deixaram de citar dificuldades. As mais lembradas foram o peso da carga horária extra sobre os estudos e a falta de orientação. Pensando nessa situação, o Congresso Federal aprovou em agosto projeto de lei, que ainda aguarda sanção presidencial, garantindo mais direitos aos estagiários, entre eles férias remuneradas.

P7



Samuel Maschio, estudante de Direito, busca oportunidades de estágio

ECONOMIA

Juros altos sustentam estabilidade de preços

Em luta contra a inflação, Banco Central do Brasil ignora apelos de empresários e economistas e mantém o movimento de alta nos juros. A medida garante a estabilidade econômica do país, mas tem efeitos perversos sobre os custos da dívida pública, além de atingir o crescimento do PIB. Essa política também afeta a taxa de câmbio, que vem se valorizando, prejudicando as exportações nacionais.

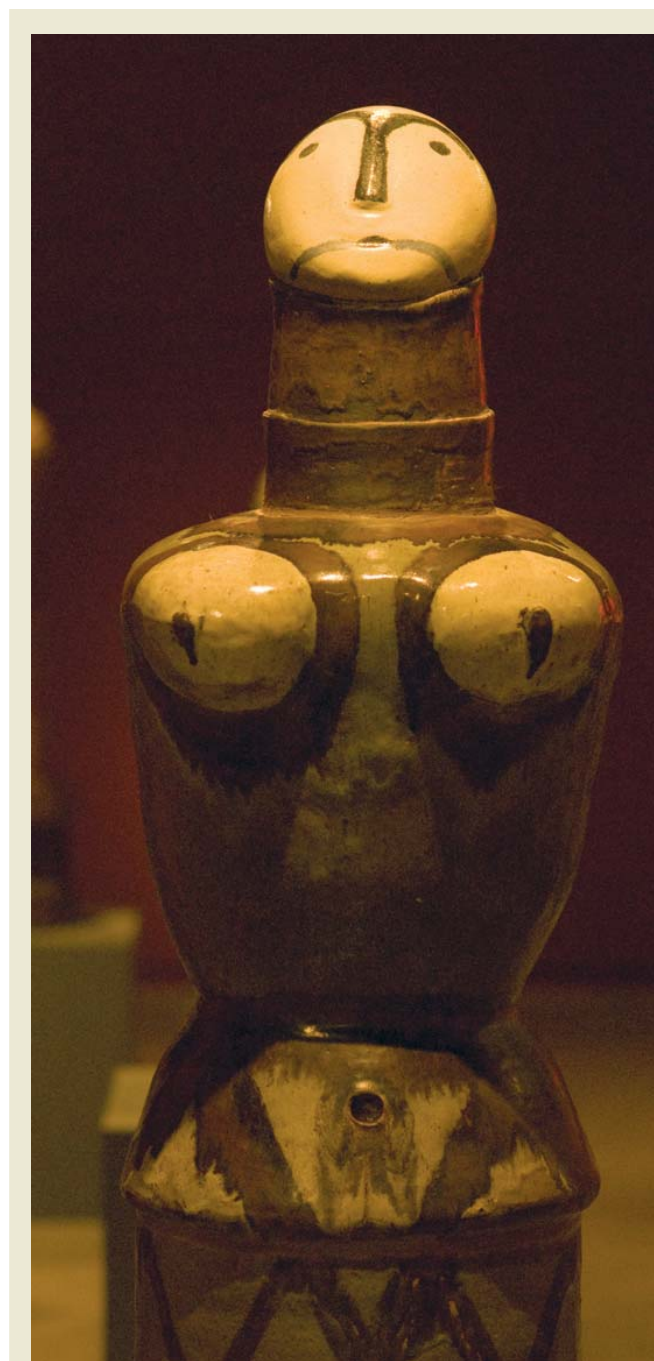
P5

DEBATES

Proposta aumentará proteção à infância

Tramita na Câmara Federal projeto de lei que prevê que a criança vítima de violência sexual seja ouvida por um psicólogo ou assistente social durante o depoimento em juízo. Mas a proposta encontra resistência junto ao Conselho Federal de Psicologia. A professora Débora Dell'Aglio do Instituto de Psicologia acredita que a iniciativa é um avanço na busca da garantia dos direitos das crianças.

P4



A ARTE DE BRENNAND NO MUSEU DA UFRGS

Primeira exposição de esculturas e pinturas do artista pernambucano em Porto Alegre poderá ser visitada até o dia 28 deste mês. Aos 81 anos, Francisco Brennand diz que é um escultor com coração de pintor e critica o rígido controle das manifestações artísticas pela economia de mercado. Para ele, existe um quase fetichismo com relação à pintura a óleo sobre tela, que reserva à cerâmica um papel de arte decorativa.

P13

Artigo

Quanto vale o Jornalismo?

QUEM PODE EXERCER a profissão de jornalista? É o que está em discussão no Supremo Tribunal Federal, com a possibilidade concreta de extinção da exigência do diploma em Jornalismo. O relator do processo é o presidente do STF, Gilmar Mendes, que já concedeu liminar autorizando não-diplomados a obterem registro profissional. A decisão pode sair até novembro.

O tema não é exclusivo dos jornalistas. Diz respeito a todos, pois o Jornalismo, por sua natureza pública, está baseado no acesso à informação como um direito de cidadania. A informação jornalística demanda um tratamento criterioso de apuração, seleção e edição. Em poucas palavras, o Jornalismo exige conhecimento teórico, domínio de técnicas específicas e postura ética. O que o fim do diploma coloca em jogo são interesses políticos e comerciais. As grandes empresas de mídia recorrem ao falso argumento de que a exigência do diploma fere a liberdade de expressão. No entanto, os veículos nunca estiveram fechados à colaboração e à opinião de não-diplomados, o que seria absurdo.

Em um mundo permeado pela tecnologia, crescem a possibilidade de expressão pessoal e a visibilidade que organizações podem dar às informações que lhes interessam. A pergunta é: onde termina a fala cotidiana ou institucional, e onde começa o Jornalismo? É preciso saber o que fazer com tanta informa-

ção disponível: não apenas onde buscá-la, mas por que buscá-la. O que tem interesse público, mas é compreensivelmente silenciado pelas organizações? Quem pode falar melhor sobre certo tema, e que interesses devem ser confrontados pelo acesso a outras fontes?

O jornalista é, por definição, um insatisfeito com a informação que recebe. Seu horizonte não é o que diz a fonte, mas o que o leitor deveria saber. Não estou defendendo o que se faz, hegemonicamente, no Brasil. Se há algo a ser criticado, é a qualidade do que produz a mídia, quase sempre movida pelo desejo de influência política que lhe traga benefícios ou apenas aumente sua lucratividade. Mas a raiz deste problema não é a formação dos jornalistas. Não será extinguindo a exigência de formação superior específica que teremos um



PORTO ALEGRE, SÁBADO, 27/9/2009

O HOMEM DO ANO

Quem pode exercer a profissão de jornalista? É o que está em discussão no Supremo Tribunal Federal, com a possibilidade concreta de extinção da exigência do diploma em Jornalismo. O relator do processo é o presidente do STF, Gilmar Mendes, que já concedeu liminar autorizando não-diplomados a obterem registro profissional. A decisão pode sair até novembro.

O tema não é exclusivo dos jornalistas. Diz respeito a todos, pois o Jornalismo, por sua natureza pública, está baseado no acesso à informação como um direito de cidadania. A informação jornalística demanda um tratamento criterioso de apuração, seleção e edição. Em poucas palavras, o Jornalismo exige conhecimento teórico, domínio de técnicas específicas e postura ética. O que o fim do diploma coloca em jogo são interesses políticos e comerciais. As grandes empresas de mídia recorrem ao falso argumento de que a exigência do diploma fere a liberdade de expressão. No entanto, os veículos nunca estiveram fechados à colaboração e à opinião de não-diplomados, o que seria absurdo.

jornalismo melhor. Na verdade, o fim do diploma fomentaria um jornalismo pior, pois mais comprometido com interesses alheios à sua função pública.

Onde entra a universidade? É falso o argumento que ataca a competência dos currículos para pedir o fim do diploma. A responsabilidade sobre a regulação do ensino superior é do Ministério da Educação e diz respeito a todas as

áreas. Se este fosse o problema, os detratores do diploma estariam jogando pesado junto ao MEC, o que nunca aconteceu. Sabemos que o ensino superior enfrenta problemas de muitas ordens. No entanto, é na universidade que o futuro jornalista aprende a lidar com a totalidade dos elementos necessários à profissão: o conhecimento teórico, o domínio técnico e a conduta ética. Com raras exceções, as empresas não estão interessadas em oferecer esta formação global – e não teriam condições de fazê-lo, pois uma boa formação depende não só da experiência dos professores, mas também da intervenção de bons pesquisadores.

Quem defende o diploma em Jornalismo está alarmado, e com razão, com a possibilidade de haver um plebiscito que indique “o desejo da sociedade” sobre a questão. Isso seria colocar o debate sob o domínio de quem tem interesses comerciais e mais poder nesta disputa: a mídia. A defesa do diploma em Jornalismo precisa ser assumida por todos. É uma dura batalha, mas dela depende a informação que vamos receber todos os dias. O diploma em Jornalismo vale muito. Vale nosso futuro como sociedade e como democracia.

Marcia Benetti
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e diretora científica da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJR)

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Correção I

Envio breves observações sobre o texto publicado em maio passado, sob o título *Descendente de Júlio de Castilhos* (página 15). Devo dizer que prezava a figura do mencionado professor de quem também fui contemporâneo, no magistério da Faculdade de Arquitetura de 1961 até 1996 quando me aposentei. Em primeiro lugar, o Hospital de Clínicas é projeto de Jorge Machado Moreira. A edificação da reitoria, ao que me consta, foi projeto de Fernando Lunardi, também professor (falecido) da Faculdade. A Rádio da UFRGS é um prédio quase, senão histórico, e não parece ter sido projeto do professor Júlio. Finalmente, a Faculdade de Arquitetura é um projeto realizado pelo DASP no Rio de Janeiro nos anos 50 e concluído em 1957 ou 58. Cordiais saudações. – **Marcos D. Hekman, professor titular aposentado da Faculdade de Arquitetura**

Correção II

Na edição de agosto do Jornal da Universidade, há um erro na seção Internacional, na manchete *Se hay gobierno, soy contra*. Em espanhol, o condicional é “si”, ou seja, “si hay gobierno...”. Há dois “si” em espanhol: a afirmação si (corresponde a sim em português) e o condicional si (corresponde a se, como o caso que nos ocupa). A palavra “se” em espanhol é a conjugação do verbo saber, na primeira pessoa de presente singular, “yo se” (corresponde a eu sei, em português). Saudações hispânicas. – **Félix H. D. González, professor da Faculdade de Veterinária**

Correção III

Na matéria da página 5 da edição de agosto passado sobre os Jogos Olímpicos, consta a afirmação de que o Rio será a primeira cidade na América Latina a receber o evento. Na verdade, o Rio será a segunda cidade caso venha a ser escolhida, pois a primeira foi a Cidade do México em 1968. – **Miguel Vianna, professor da rede municipal de Gravataí e da rede estadual, além de aluno da Universidade**

Espaço da Reitoria

Balanço da gestão

HÁ QUATRO ANOS ASSUMIMOS, por delegação da comunidade universitária, a responsabilidade de dirigir a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, juntamente com o professor Pedro Cezar Dutra Fonseca, na qualidade de vice-reitor. Tivemos a oportunidade, com equipe por nós formada, de elaborarmos e implementarmos um Plano de Gestão que priorizava o fortalecimento acadêmico da instituição. Este significava, sobretudo, a busca da excelência em todas nossas atividades-fins, indo ao encontro do desiderato da plena integração entre ensino de graduação e de pós-graduação, pesquisa e extensão. Do ponto de vista administrativo, procuramos levar a cabo uma gestão marcadamente institucional, no sentido de trabalharmos com projetos e orçamentos hierarquizados por critérios objetivos e pré-estabelecidos, cuja impessoalidade e impacto nas atividades acadêmicas garantissem a definição de prioridades e a transparência na tomada de decisões.

Ao final desta gestão, podemos dizer que nossos propósitos mais ambiciosos foram cumpridos. Isto não significa que todos eles tenham sido plenamente atingidos – posto que todo projeto traz consigo uma utopia, da qual necessariamente integram objetivos ambiciosos –, mas por termos avançado no caminho a que nos propusemos, além de termos materializado o intento de atingir a maioria expressiva de nossas metas.

É indiscutível, em todas as avaliações e pesquisas, nacionais e internacionais, o crescimento da UFRGS nos últimos quatro anos. A Universidade consolidou-se entre as maiores brasileiras e ampliou-se sobremaneira sua inserção nacional e internacional, haja vista o número de convênios efetivados e as premiações recebidas por nossos docentes, discentes e técnico-administrativos, os quais reafirmam esse posicionamento. Por outro lado, internamente, o expressivo reconhecimento a nossa gestão, gradualmente crescente ao longo desses anos, por parte das direções das

unidades universitárias, vem demonstrar que já estamos maduros para superar as decisões unipessoais e as formas arcaicas de administração, bem como o acerto por nossa opção por uma gestão assentada em critérios institucionais, coerentes com o espírito republicano e em superação ao patrimonialismo e às decisões personalistas.

Por certo temos que agradecer a muitos, e não só à equipe que mais de perto esteve conosco e assumiu a maior parcela das responsabilidades. Todos sabemos que o trabalho maior veio da própria comunidade universitária. Além do mais, não se trata neste momento de uma despedida, a qual sempre tem um ar nostálgico por olhar ao passado. Ao contrário, entendemos que devemos direcionar nossos esforços e nossa capacidade de trabalho ao futuro que precisamos construir, com o desafio de expandir nossas atividades sem recuar um milímetro sequer em nosso padrão de excelência, de tal maneira que as expansões quantitativa e qualitativa possam ocorrer conjuntamente.

Estamos convictos que a futura administração da Universidade, tendo à frente os professores Carlos Alexandre Netto e Rui Oppermann, saberá responder à altura este desafio, com o respaldo de nossa comunidade. E, com isso, reafirmarmos na prática cotidiana que a defesa da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade, incorporada nas lutas dos movimentos docente, estudantil e técnico-administrativo desde a abertura política, não é mera palavra de ordem ou slogan, mas uma cláusula pétrea que sempre deve guiar nossas ações, em prol da universidade qualificada e consciente de sua responsabilidade social, pronta e apta a responder aos desafios emergentes. Procuramos seguir à risca este princípio basilar e acreditamos que a opção da comunidade universitária foi de mantê-lo como norte no próximo reitorado.

José Carlos Ferraz Hennemann – reitor

Mudança de endereço

Os servidores que desejarem ter seus endereços alterados para recebimento de correspondências da UFRGS, como o Jornal da Universidade e o contra-cheque, devem dirigir-se diretamente à Divisão de Cadastro e Registro (DCR) da Proreitoria de Recursos Humanos. É preciso comparecer pessoalmente ao quarto andar do prédio da reitoria (Av. Paulo Gama, 110), com o comprovante de residência. Para os inativos não-residentes em Porto Alegre, o envio pode ser feito pelo fax 3308-3888. Outras informações pelo telefone 3308-3045.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Bolsistas
Bruna Goss, Diego Difini, Fagner Nogueira, Paula Vieira, Pedro Cassel e Rafael Gloria
Colaboraram nesta edição
Bibiana Nilsson e Gabriela Lontra
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Ánia Chala, Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Circulação
Marcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

Administração Divulgado o primeiro escalão

Em 12 de setembro foi divulgada a lista dos nomes que deverão integrar a administração central da Universidade no período de 2008 a 2012. São eles: Pró-reitoria de Graduação, Valquíria Linck Bassani e Andréa dos Santos (vice); Pró-reitoria de Pós-graduação, Aldo Bolten Lucion e Lia Teresinha Silva (vice); Pró-reitoria de Pesquisa, João Edgar Schmidt e Marininha Aranha Rocha (vice); Pró-reitoria de Extensão, Sandra de Deus e Ângelo Ronaldo Pereira da Silva (vice); Pró-reitoria de Planejamento, Maria Aparecida Grendene de Souza e Luis Roberto da Silva Macedo (vice); Pró-reitoria de Recursos Humanos, Maurício Viegas da Silva e Vânia Cristina Santos Pereira (vice); Superintendência de Infra-estrutura, Alberto Tamagna, Rui Paulo Dias Muniz e Pedro Cesar Saul Almeida (vices); Secretaria de Patrimônio Histórico, André Luis Martinewski; Secretaria de Assuntos Estudantis, Edilson Amaral Nabarro e Alberto Morem Cossio; Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais, Liane Hentschke; Secretaria de Avaliação Institucional, Gilberto Dias da Cunha; Secretaria de Comunicação Social, Flávio Antonio Camargo Porcello; Secretaria de Educação a Distância, Sérgio Roberto Kieling Franco; Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico, Raquel Santos Mauler; Coordenadoria de Educação Básica e Profissional, Jorge Luiz Day Barreto; Procuradoria Geral, Armando Eduardo Pitrez; Coordenadoria de Segurança, Daniel Augusto Pereira; Chefia de Gabinete, João Roberto Mello; e Comissão Permanente de Seleção, Maria Adélia Pinhal de Carlos.

Enade Medicina e Veterinária têm nota máxima

O resultado do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) de 2007 foi divulgado em agosto pelo Ministério da Educação. Além da nota da prova do Enade, também integra o levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) o Conceito Preliminar de Curso (CPC). O Conceito Preliminar é composto por diferentes variáveis que traduzem resultados do desempenho de estudantes e da avaliação de itens como infra-estrutura, instalações, recursos didático-pedagógicos e corpo docente. Os cursos de Medicina e Medicina Veterinária da UFRGS obtiveram a nota máxima (5) em ambos os levantamentos. Apenas 25 cursos, entre os 3.454 avaliados, alcançaram o mesmo índice.

Sucessão Carlos Alexandre Netto assumirá reitoria



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

No dia 23 deste mês, o professor Carlos Alexandre Netto irá tornar-se o 21º reitor a administrar a UFRGS. Em sua primeira entrevista coletiva, o futuro dirigente reafirmou seu compromisso com a expansão da Universidade com qualidade. Ele lembrou que, pela primeira vez em muitos anos, existe uma política definida para o ensino superior. Perguntado sobre qual será a estratégia da nova administração quanto aos cursos de licenciatura, Carlos Alexandre disse que as novas tecnologias de informação e comunicação deverão ser utilizadas para que a UFRGS amplie sua capacidade de formação de professores. A cerimônia de transmissão do cargo está agendada para às 10h, no Salão de Atos.

Vestibular UFRGS terá mais vagas em 2009

O edital do vestibular 2009 já está disponível no endereço www.vestibular.ufrgs.br/cv2009. O curso oferecerá 4.556 vagas e as provas serão realizadas de 4 a 7 de janeiro em Porto Alegre, Bento Gonçalves e Imbé/Tramandaí. As novas opções são Licenciatura em Dança (30 vagas), Fisioterapia (30 vagas) e Análise de Políticas e Sistemas de Saúde (60 vagas). Receberão mais candidatos os cursos de Biomedicina (2), Design (20), Geografia noturno (3), Agronomia (4), Nutrição (30), Bacharelado em Enfermagem (10), Engenharia Cartográfica (5), Psicologia noturno (30), Química Industrial noturno (10) e Ciências Atuariais noturno (10). As inscrições para o concurso devem ser feitas de 22 de setembro a 12 de outubro exclusivamente pela Internet, através do site www.vestibular.ufrgs.br. Outras informações pelos telefones 3308-5906 e 3308-5978.

Ciência para crianças Editora da Universidade publica obra inédita no gênero

Mast e o planeta azul é o primeiro livro da Editora da UFRGS especialmente dedicado ao público infantil, com ilustrações e narrativa dirigidas. A publicação, produzida pelos técnicos-administrativos Sônia Coppini e Duda Sperb, foi lançada em agosto, em tarde de autógrafos no salão de exposições do Planetário.

Para a professora Jusarama Vieira Souza, que dirige a Editora, a obra representou um desafio, uma vez que "foram necessários pareceristas sensíveis, por se tratar de uma edição voltada à 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental". Conforme a professora, no processo de seleção dos títulos para lançamento, o Conselho Editorial primeiro avalia o mérito da obra para depois indicar dois pareceristas relacionados à área de origem do livro, que são mantidos em anonimato.

Jusarama conta que, em julho, a publicação foi inscrita no edital do Plano Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação (MEC), que com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação seleciona obras pedagógicas comple-



CADINHO ANDRADE

mentares. Ela foi a São Paulo entregar pessoalmente dez exemplares para a comissão de avaliação. O resultado sairá somente em 2009, mas a professora acredita na aprovação, já que a área em que a obra está inscrita, Ciências da Natureza e Matemática, é a menos concorrida. "Se for selecionada, a Editora será contratada pelo MEC e deverá imprimir milhares de exemplares para todo o país, ultrapassando o projeto de extensão original. Portanto, a repercussão não é só do Planetário, mas também da Universidade", conta a diretora.

Uma edição normal é de mil exemplares e, se *Mast* for selecionado, sua tiragem deverá atingir os 50 mil. Jusarama já comemora o reconhecimento



nacional que a obra poderá trazer, uma vez que a Editora produz 60 títulos por ano, praticamente um por semana. "Essa é a função da Universidade, contribuir com o Ensino Básico, e este livro pode motivar a gênese de novos lançamentos na área. Não podemos produzir sem pensar na outra ponta: o leitor. Livro não é para ficar na prateleira e este atrai as crianças."

Ranking UFRGS entre as melhores universidades da América Latina

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul está em 8º lugar entre as 100 melhores universidades latino-americanas, segundo pesquisa realizada pelo Conselho Superior de Investigação Científica (CSIC), entidade europeia com sede na Espanha. O objetivo do CSIC é promover a pesquisa científica e influenciar na formação de novas pesquisas e tecnologias. A UFRGS é precedida por quatro universidades públicas brasileiras: Universidade de São Paulo (2º lugar), Universidade Estadual de Campinas (3º lugar), Universidade Federal do Rio de Janeiro (5º) e Universidade Federal de Santa Catarina (7º). No ranking mundial que avalia o tamanho da instituição, índices de pesquisa, visibilidade e prestígio, a UFRGS ocupa o 388º lugar. O primeiro lugar, segundo o levantamento divulgado em agosto, é do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (EUA). Na América Latina, o Brasil é o país com o maior número de universidades bem avaliadas, apesar da Universidade Autónoma do México liderar a lista.

Assistência estudantil Recursos do Reuni ampliam benefícios

Com os recursos do Programa de Expansão das Universidades Federais (Reuni) e do Plano Nacional de Assistência Estudantil, as bolsas de 20 horas semanais foram reajustadas em julho de R\$ 240 para R\$ 300. O número de Bolsas Permanência também aumentou, de 400 para 750. Esse tipo de auxílio é oferecido aos alunos com carência comprovada no Programa de Benefícios da Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE). Até 2012, está previsto um aumento de 400 para 2.000 mil bolsas. Segundo o secretário de Assuntos Estudantis Ângelo Ronaldo Pereira da Silva, essas novidades não beneficiarão somente os cerca de 2.000 mil alunos carentes da UFRGS: "É uma vitória de toda a sociedade, pois cada vez mais pessoas serão



CADINHO ANDRADE

incluídas. E não se trata de assistencialismo, uma vez que o estudante precisa dar uma contrapartida, que é o seu bom desempenho acadêmico. Há um acompanhamento, uma monitoria". Além das bolsas, a Universidade oferece o Programa Saúde, que disponibiliza atendimento odontológico e em algumas especialidades médicas, e o Auxílio Transporte, que será implementado inicialmente para os

alunos de graduação moradores das Casas do Estudante. O estudante interessado em obter os benefícios concedidos pela Secretaria de Assuntos Estudantis deve ficar atento ao edital de inscrições, que é aberto no início de cada semestre e divulgado na página da SAE (www.ufrgs.br/sae). Após a solicitação dos benefícios, é preciso entregar a documentação e passar por entrevista e análise da renda familiar, realizadas por assistentes sociais. Ângelo ressalta que, neste semestre, o edital apresentou algumas modificações. "Reduziu-se ao máximo a passagem do estudante por entrevistas. Ele só será entrevistado num primeiro momento, quando estiver ingressando no programa. Depois, entregará semestralmente a documentação necessária para continuar", informa o secretário.

Dicas desites

Literatura Online lol.pro.br

Página dedicada ao ensino e divulgação da Literatura Brasileira e Portuguesa. Disponibiliza informações sobre as diversas correntes literárias do Brasil e Portugal e seus principais autores. Também se pode ter aulas de gramática e redação e acessar dicas de livros, filmes e CDs. Outro destaque é a seção *Talento*, um espaço que possibilita aos internautas a veiculação de seus textos. Cadastrando-se no site é possível receber informações sobre suas novidades.

Revista Gaúcha de Enfermagem www.ufrgs.br/revistagauchadeenfermagem

A Revista Gaúcha de Enfermagem foi criada em 1976 com intenção de divulgar a produção científica da Enfermagem e áreas afins. Com periodicidade trimestral, é editada e publicada pela Escola de Enfermagem da UFRGS. Desde junho deste ano, o periódico pode ser acessado na rede, com a leitura dos artigos e submissão de trabalhos através do site. Na página também estão disponíveis edições da revista desde 1983.

Iniciação científica Alto número de inscritos no Salão

A Pró-reitoria de Pesquisa recebeu aproximadamente 3.000 inscrições de trabalhos para o XX Salão de Iniciação Científica, a ser realizado de 20 a 25 de outubro. Do montante de projetos, 66% são de estudantes da UFRGS e 38% de graduandos em universidades de todo o país. A área de Ciências da Saúde foi a que recebeu o maior número de inscrições: 20% do total. Em seguida, aparecem Ciências Biológicas e Ciências Humanas com 17%; Ciências Exatas e da Terra e Ciências Sociais e Aplicadas com 11%; Engenharias, 10%; Ciências Agrárias, 9%; Linguística, Letras e Artes, 5%. Com relação à procedência geográfica dos trabalhos, o interior do Rio Grande do Sul responde por 21% dos inscritos. Dos estudantes de outros estados, a maioria virá de Santa Catarina, cerca de 68%. Mas também estarão presentes no Salão estudantes de São Paulo, Minas Gerais, Amazonas, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Quem quiser participar como ouvinte do evento, que reúne ainda a XVII Feira de Iniciação Científica e o III Salão UFRGS Jovem, deve acessar o endereço www.propesq.ufrgs.br até 16 de outubro e preencher o formulário. O custo da inscrição é R\$ 7, e dá direito à credencial, certificado de participação com a carga horária efetiva e CD-ROM com os resumos dos trabalhos.

Depoimento sem dano: controvérsias profissionais

Débora Dalbosco Dell'Aglio *

O PROJETO DEPOIMENTO Sem Dano (DSD) foi implantado no 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre, em 2003, tendo por objetivo promover a proteção psicológica da criança vítima de violência sexual durante os depoimentos em juízo. Elogiado por profissionais da área do Direito, a proposta encontra-se em expansão, com vistas a ser aplicada em todo o país. Idealizado pelo juiz José Antonio Daltoé Cezar, do 2º Juizado da Infância e Juventude de Porto Alegre, o DSD exige que um assistente social ou psicólogo faça a inquirição da vítima. A criança ou adolescente é ouvida em uma sala reservada, evitando o enfrentamento com o acusado e a presença de advogado de defesa ou do próprio juiz. Nesta nova metodologia, a técnica, psicóloga ou assistente social, entrevista a criança sobre o fato de que trata o processo e após, se necessário mais esclarecimentos, o juiz repassa a ela, através de um ponto eletrônico, perguntas suas, do promotor de justiça e do advogado de defesa, se estes desejarem. Assim, os depoimentos podem ser realizados de forma tranquila e profissional, em ambiente mais receptivo, com a intervenção de técnicos previamente preparados, evitando perguntas inapropriadas.

A partir do DSD, tramita o projeto de lei da Câmara Federal nº 35, de 2007, de iniciativa da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Exploração Sexual, que prevê alteração do Estatuto da Criança e do Adolescente, do Código Penal e o do Código de Processo Penal. Dentre as alterações, salienta-se a que as crianças e adolescentes vítimas de abusos sexuais sejam ouvidas a partir da nova metodologia e a que a criança seja ouvida uma única vez, num depoimento que servirá para todos os expedientes ou processos. O projeto prevê o uso de equipamentos de áudio e vídeo ou outros meios técnicos disponíveis, que permitem que os depoimentos gravados possam ser consultados posteriormente, em caso de recurso. Dessa forma, procura-se proteger as crianças, evitando que elas precisem repetir o relato inúmeras vezes, em diferentes lugares até chegar ao depoimento em juízo.

No entanto, a proposta tem gerado debates e controvérsias, especialmente entre psicólogos e assistentes sociais. Alguns profissionais argumentam que a inquirição da vítima compete à autoridade policial ou jurídica e que não é papel do psicólogo atuar em tal procedimento, pois poderia haver confusão quanto à natureza dos trabalhos interdisciplinares. Para eles, em vez de atuar como psicólogos, os profissionais estariam trabalhando em funções que se caracterizariam como extensões do juiz. O Conselho Federal de Psicologia apresentou manifestação contrária ao projeto, sustentando que a prática desenvolvida pelos profissionais se constituiria como uma ferramenta instrumental do juiz na qual o psicólogo desempenharia um papel de submissão. O Conselho argumentou ainda que uma audiência jurídica não é o mesmo que uma consulta ou atendimento psicológico, em que a escuta do psicólogo é orientada pelas demandas e desejos da criança e não pelas necessidades do processo.

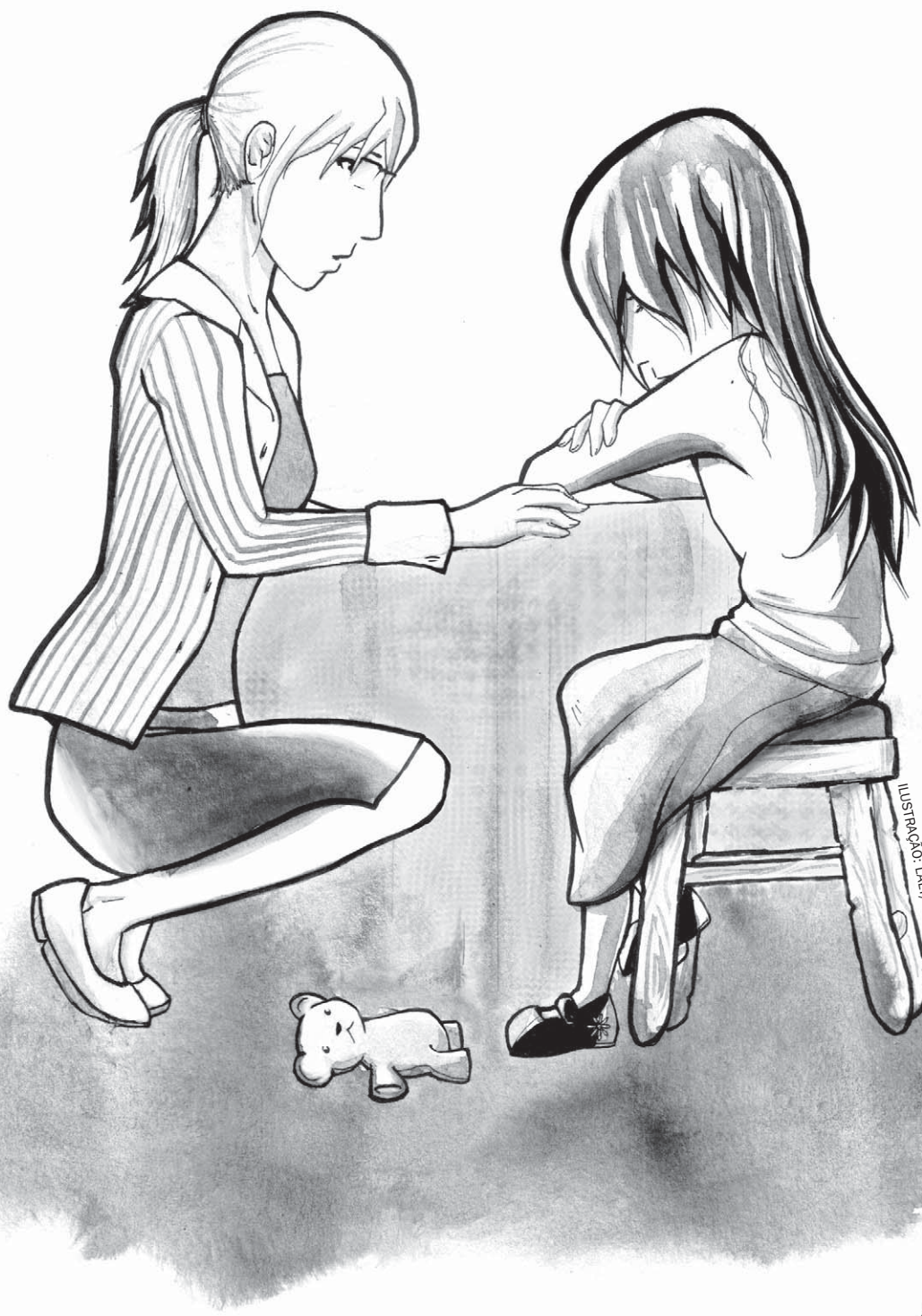
Neste sentido, destaca-se que a participação do psicólogo na inquirição não deve se restringir ao papel de intermediário entre o juiz e a criança. Nestas situações, ele é um profissional qualificado que administra técnicas que contribuem para o esclarecimento dos aspectos psicológicos envolvidos na dinâmica do abuso sexual. De fato, este é um trabalho complexo, pois envolve tabus relativos à sexualidade, incesto e violência, entre outros, e, em geral, juízes, promotores de justiça ou advogados não têm o preparo específico para realizar entrevistas com crianças e nem a formação para a compreensão dos mecanismos psicológicos envolvidos, necessitando do trabalho conjunto com profissionais especializados.

O projeto resulta de anos de experiência de profissionais sérios e da constatação do sofrimento das vítimas, podendo ser considerado um

avanço na busca de garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Além disso, também considera o desenvolvimento da Psicologia, que em países da América do Norte e Europa, tem gerado grande contribuição na área de inquirição de crianças em tribunais. Como um projeto novo, até pode ser alvo de críticas e necessitar reajustes, mas é uma tentativa pioneira, num país com grande impunidade em relação aos delitos de ordem sexual praticados contra crianças, e visa ampliar a proteção, evitando a revitimização psicológica. Dessa forma, considera-se que, antes de os profissionais terem pressa em criticar o projeto, muitas vezes sem embasamento teórico para tal e com claras intenções corporativistas, é necessário que o espaço do psicólogo no sistema judiciário brasileiro possa ser repensado.

Assim, a preocupação deveria ser com a capacitação dos profissionais para o desenvolvimento de um trabalho integrado e de competência. É necessário que a interdisciplinaridade esteja mais presente nas Varas Judiciais, onde psicólogos, juristas e assistentes sociais podem atuar em equipe, assegurando a preservação dos espaços profissionais, com seus princípios internos e conteúdos éticos. Portanto, parece que a luta não deve ser entre os diferentes profissionais e sim no sentido de buscar uma maior adequação dos serviços oferecidos à população, especialmente em situações consideradas de risco, para que o trabalho desenvolvido possa sempre visar o interesse, a proteção e o bem-estar da criança.

* Professora do Instituto de Psicologia – UFRGS



Pedofilia online: um novo desafio para o Direito

Carla Alimena *

A QUESTÃO DA PORNOGRAFIA online e do seu tratamento pelo Direito é, por si só, bastante delicada. Por um lado, ela é tida como prejudicial à sociedade, devendo ser controlada ou suprimida, por outro, há a questão da liberdade de expressão e da arte. Apesar das opiniões controversas quanto à regulação da pornografia no ciberespaço, chega-se facilmente num consenso quando o assunto envolve crianças e adolescentes como objetos da pornografia, a chamada pedofilia online.

O grande problema não é o que as crianças fazem entre si, mas o avanço do desejo dos adultos em relação a elas como objetos sexuais e vítimas potenciais de abuso. A prática vem ganhando notoriedade cada vez maior, na medida em que a rede mundial de computadores

se populariza, sendo, sem dúvida, veículo que facilita a disseminação de material pornográfico infantil, bem como a aproximação entre pedófilos e suas potenciais vítimas. A comunicação por salas de bate-papo e redes de relacionamento como o Orkut dá ao pedófilo a possibilidade de aproximação de seu "alvo" com a utilização de linguagem próxima à criança e de forma privada, sem a constante vigilância dos pais como ocorreria num parque de diversões por exemplo.

O Direito brasileiro, de tradição legalista

Salas de bate-papo e redes como o Orkut dão ao pedófilo a possibilidade de aproximação

(isto é, baseado na lei) vem recentemente buscando maneiras de punir e combater a pedofilia no ciberespaço, mesmo com a dificuldade de controle sobre a Internet. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) criminalizou uma série de práticas relacionadas à pedofilia como a produção e disseminação de material pornográfico infantil, o armazenamento de imagens (caso dos provedores), bem como o agenciamento de crianças e adolescentes para a sua produção.

Apesar disso, o grande problema encontra-

do pelo Ministério Público e pela polícia, responsáveis pelas investigações, tem sido a dificuldade de acesso aos dados dos suspeitos. Os provedores não os divulgam com facilidade e a remoção de páginas com conteúdo lesivo é um procedimento burocrático. Outro empecilho é que a posse de material pornográfico infantil não é crime. Isto é, ter no computador fotos e vídeos de menores é uma prática legal, contanto que as imagens não sejam divulgadas. A navegação por sites com conteúdo infantil pornográfico também não é ilegal. A tutela das crianças e adolescentes no ciberespaço é um grande desafio para a ordem jurídica e um debate que está apenas começando.

* Mestranda em Direito na UFRGS

Economia

Obsessão do Banco Central com estabilidade de preços ameaça o crescimento econômico brasileiro

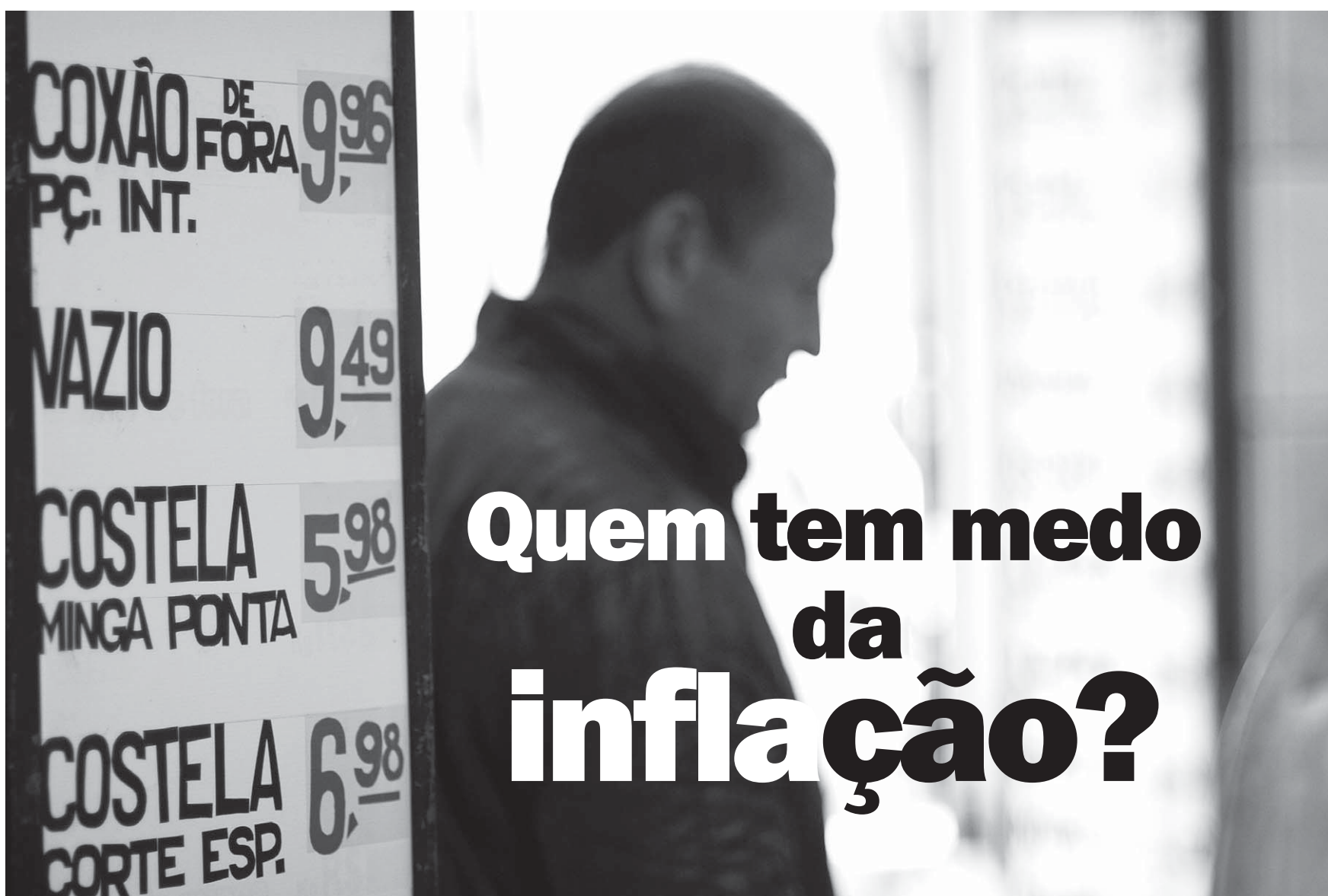
No início dos anos 80, um dragão instituiu um império de terror em um país localizado na periferia do mundo. Voraz, a criatura se alimentava das riquezas dos homens num ritmo alucinante. Sua fome atingiu o nível de 980,22% (IPCA), em 1988, 1.620,96%, em 1990, e incríveis 2.477,15%, três anos mais tarde. A luta só começou a virar mesmo em 1995. Então, o monstro chamado inflação diminuiu de ritmo: 9,56% em 1996 e 4,45% no último ano.

Após 14 anos do Plano Real, o medo da superinflação ainda dita a política monetária e cambial do país. Foi tomado por esse temor que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decretou o aumento da taxa Selic, ou taxa de juros básica, em suas quatro últimas reuniões, chegando ao atual nível de 13,75% ao ano.

A decisão encerrou um ciclo de queda na taxa básica de juros da economia brasileira e causou polêmica. Pesa contra o BC a acusação de priorizar o controle inflacionário, mesmo que para isso seja preciso sacrificar o momento de crescimento que vive o produto interno bruto do país (o PIB atingiu o índice de 5,4% em 2007). A principal instituição monetária do Brasil também é criticada por não agir de forma contundente no mercado cambial. Por fim, a alta taxa de juros tem um efeito perverso sobre a dívida pública.

Inflação é o alvo – Segundo o professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS Antônio Ernani Martins Lima, o Banco Central brasileiro parece ter o controle da inflação como seu único objetivo, realidade diferente da de outros países, onde, além da estabilidade de preços, essas instituições se preocupam em desenvolver a política de emprego. Para ele, tal procedimento pode ser explicado por nosso histórico recente de hiperinflação.

O BC utiliza a política cambial como uma ferramenta de estabilização da moeda. De acordo com Lima, “ao facilitar a importação de produtos, aumentando o nível de competição interna da economia, ele [o BC] freia os preços”. No entanto, o tam-



FOTOS: FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Quem tem medo da inflação?

Entrevista Fernando Ferrari
Governos Lula prioriza controle da inflação

O economista e diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFRGS Fernando Ferrari Filho acredita que, para que o país tenha um crescimento econômico sustentável, o governo terá que alterar sua política econômica. Nesta entrevista, ele fala sobre as consequências do câmbio valorizado e da alta taxa de juros para a economia brasileira.

JU - Quais são as expectativas de crescimento econômico para o Brasil nos próximos anos?

Fernando Ferrari – Em 2008, a inflação deverá ficar em torno de 6,5%, contra 4,46% do ano passado. A taxa de crescimento do PIB deverá ser arrefecida, algo em torno de 4,6%, seja porque o Banco Central tem elevado a taxa Selic para controlar a inflação, seja porque o cenário internacional é desfavorável, o que faz com que nossos principais parceiros comerciais cresçam menos e, por conseguinte, importem menos do Brasil. Por sua vez, para 2009, se pode esperar um crescimento muito abaixo do ano passado e do previsto para 2008. O mais preocupante, todavia, é que um crescimento da economia mundial menor em 2008/2009 e a tendência de apreciação da taxa de câmbio fazem com que as importações cresçam mais do que as exportações, o que significa, em última instância, que teremos déficit em transações correntes, como já temos, mais expressivos. Não estou dizendo que teremos uma crise cambial daqui a dois ou três anos, mas a questão é preocupante. Nesse cenário, o Brasil será obrigado a queimar reservas cambiais [hoje as reservas do BC estão próximas de US\$ 200 bilhões] ou a mudar a política econômica para atrair investimentos de risco, que é o que necessitamos.

JU - Que desafios o país enfrenta para crescer de modo sustentável?

FF – Para o Brasil ter um crescimento robusto e sustentável é preciso alterar a política econômica. Ao invés de apoiar-se no tripé metas de inflação, metas de superávit fiscal e câmbio flexível, com mobilidade ampla de capitais, ela deveria ser centrada nos seguintes pontos: taxa de câmbio administrada, com controle de capitais;



superávit fiscal menos expressivo, ou dito de outra maneira, política fiscal contra-cíclica – quando a economia está desaquecida você gera déficit fiscal, ao passo que quando ela está aquecida, você gera superávit; e política monetária operacionalizada para se buscar um crescimento econômico mais robusto e sustentável a médio e longo prazo.

JU - Qual é a prioridade da política econômica do governo Lula?

FF – A atual política econômica prioriza única e exclusivamente o controle do processo inflacionário. O Banco Central, que tem a taxa de juros e a taxa de câmbio em suas mãos, utiliza ambas para controlar o processo inflacionário, fazendo com que a inflação convirja para o alvo da meta, que é de 4,5%. O BC tem uma obstinação para que a taxa de inflação anualizada vá ao encontro do alvo da meta. Por isso, não existe uma perspectiva de que as políticas monetária e cambial sejam favoráveis ao crescimento econômico.

JU - Quais as consequências para a economia brasileira do câmbio valorizado e da alta taxa de juros, desequilibrada em relação às taxas internacionais?

FF – Os efeitos transmissores de juros são de, pelo menos, três naturezas. Primeiro, os juros elevados acabam arrefecendo a atividade

econômica, isso é, o crescimento do PIB tende a diminuir e o nível de desemprego a aumentar. Depois, a taxa de juros elevada tem efeito sobre a dívida pública, fazendo-a crescer. Quando a taxa Selic aumenta, o custo de rolagem da dívida pública se eleva, afetando negativamente as contas governamentais. Por fim, os juros elevados afetam a taxa de câmbio. Uma Selic elevada, comparativamente às demais taxas de juros internacionais, faz com que os poupadores internacionais deixem de comprar títulos públicos norte-americanos ou europeus para comprar títulos públicos brasileiros, pois esses se tornam mais rentáveis, fazendo com que entrem dólares ou moedas de conversibilidade no país. Isso contribui para que a taxa de câmbio se valorize. Enfim, os efeitos perversos da elevação dos juros sobre PIB, desemprego, câmbio e dívida pública são inquestionáveis e dinâmicos.

JU - O Brasil corre riscos de enfrentar a chamada “doença holandesa” devido à valorização cambial?

FF – A ideia da doença holandesa está relacionada ao fato de um determinado país exportar basicamente um produto, por exemplo, petróleo, cuja exportação é compatível com uma taxa de câmbio baixa, visto que a sua demanda internacional é inelástica. Nessa situação, os ingressos de recursos decorrentes das exportações desse produto levariam a uma apreciação da taxa de câmbio, ocasionando a elevação da importação de bens e serviços. Isso prejudicaria a indústria nacional e a produção intensiva em tecnologia. Acredito que o Brasil não passa por esse processo. O fato de termos uma apreciação da taxa de câmbio não advém de produzirmos um ou mais produtos competitivos no mercado internacional e que independam da taxa de câmbio, o que determinaria o ingresso de capitais a ponto de gerar uma apreciação de câmbio, sucateando a indústria nacional. Obviamente, nossas commodities minerais e agrícolas pesam [na pauta de exportações], mas hoje a pauta não se concentra nesses produtos. O Brasil exporta essencialmente produtos manufaturados.

Entenda

Selic é a sigla de Sistema Especial de Liquidação e Custódia. É um sistema computadorizado do Banco Central através do qual são registradas todas as operações de débitos e créditos feitas entre bancos e demais instituições financeiras credenciadas. Seu funcionamento é semelhante ao do sistema de compensação de cheques só que para títulos públicos. Por meio dessas trocas, o governo consegue dinheiro emprestado dos bancos. A Selic permite calcular a média dos juros paga pelo governo aos bancos que lhe emprestam dinheiro. Essa média serve de referência para o cálculo de todas as outras taxas de juros do país, por isso ela é também chamada de taxa de juro básico.

Diego Difini, estudante do 6º semestre de Jornalismo da Fabico

Muito além dos muros

Extensão

Salão discutiu interfaces com a comunidade

Você sente necessidade de aplicar, de alguma forma, os conhecimentos teóricos que aprende? Acredita em pesquisa? Quer fazer algo para melhorar a vida das pessoas (incluindo a sua)?

Se você respondeu sim a pelo menos uma dessas questões, então seja bem-vindo. Você é um extensionista. Se não de fato, ao menos em potencial. E está no lugar certo: a extensão da UFRGS é líder no cenário brasileiro em comparação com as demais instituições de ensino. Cada uma das oito áreas de extensão da UFRGS possui ações que já receberam alguma distinção nacional.

Os projetos realizados pela Universidade aliam pesquisa séria à prática, implementando iniciativas transformadoras na sociedade e redimensionando os conteúdos aprendidos na academia.

Pensar e fazer – Cientes disso, professores e alunos dedicam-se às atividades de extensão, atuando como agentes de transformação em diferentes grupos sociais. Entre outras iniciativas, os extensionistas prestam auxílio jurídico a pessoas de baixa renda; fornecem orientações sobre o descarte de medicamentos e ministram aulas de teatro para pessoas da terceira idade.

Vanessa Belline, aluna do 7º semestre de Medicina, trabalha há três anos em um projeto que auxilia pessoas a pararem de fumar e diz que a extensão é a melhor parte da faculdade, mesmo tendo que fazer milagre com seu horário sobrecarregado para continuar atuando como voluntária. A opinião é compartilhada por Mariana Dermman, graduanda de Ciências Sociais, para quem a extensão é uma forma de enriqueci-



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

mento acadêmico e pessoal. A questão humana é sempre muito forte, e envolve o extensionista a tal ponto que o obriga a desenvolver novas habilidades: Cristina Silveira, formada em Odontologia desdobrou-se para criar um modo interessante de ensinar às crianças do Ensino Fundamental noções básicas de alimentação e higiene bucal.

Para que Vanessas, Marianas, Cristinas e centenas de outros extensionistas – não apenas da UFRGS, mas de outras universidades – possam se encontrar e divulgar as ações de que participam, é que se organiza anualmente o *Salão de Extensão da UFRGS*. Neste ano, o tema do encontro foi “A extensão e suas interfaces”.

Múltiplas interfaces – De 2 a 5 de setembro, o evento alterou o segundo andar do prédio da reitoria. Estandes da *Mostra Interativa* atraíram a atenção dos visitantes com temas que se desdobravam do “Caminho das Águas” ao “Centro de Memória do Esporte”, enquanto extensionistas

ministravam oficinas e minicursos. Paralelamente, bolsistas apresentavam seus trabalhos para o público em forma de pôsteres, comunicações orais ou vídeo-documentários. No *Espaço Lúdico*, crianças podiam participar de jogos e apresentações artísticas. Em meio a essa atmosfera efervescente, os integrantes do projeto radialistas-mirins faziam ampla cobertura jornalística das atividades. Nos intervalos, exposições de teatro e música detinham a atenção de todos. Não foi à toa que o símbolo escolhido para o encontro foi um caleidoscópio multicolorido. As inúmeras cores e combinações através das quais um caleidoscópio pode apresentar-se fizeram jus às ações de extensão presentes no Salão.

Admirável mundo novo – Quem já faz extensão está acostumado com a riqueza das ações apresentadas anualmente no Salão de Extensão, mas certamente foi surpreendido pela participação do público, o maior já registrado até hoje. Quem ainda não

conhecia o universo extensionista deve ter se perguntado: como ignorar essas atividades?

A pergunta é pertinente, e os números oficiais apresentados ajudam a instigá-la. Se cerca de 60% do corpo docente participa de alguma ação de extensão, como apenas 223 bolsistas e cerca de 150 voluntários estão envolvidos? A maioria dos estudantes sequer supõe a existência da extensão?

Talvez a explicação tenha a ver com a ilusão criada pelos muros da Universidade e pelos falsos limites estabelecidos entre o conhecimento teórico e a realidade. Ou, ainda, seja resultado do restrito “mundinho acadêmico-encantado” que muitos alunos habitam durante a graduação.

Aí está um dos maiores desafios da extensão: tornar-se (re)conhecida dentro e fora da universidade, ampliando ainda mais suas interfaces.

Bibiana Nilsson e Gabriela Lontra, estudantes do 5º semestre de Jornalismo da Fabico

Alunos e projetos que foram destaque no Salão

Vídeo-documentário

Ana Mendes - Troca de saberes: práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas

Camila dos Santos - Ciclos de cinema histórico: reflexão social, histórica e cinematográfica

Carolina Duarte Diogo - Dança na ESEF

Apresentação de pôster

Andréia Martins Spech – Anamnese e exame físico em Enfermagem: estudando a distância

Luana Osório Frantz – Ação cultural de criação: a difusão do conhecimento na RPPN - mata do professor

Jordana da Rocha Bittencourt – Multidisciplinaridade e integralidade - ações em saúde na assistência materno-infantil

Silvia do Canto – Parasitologia para crianças do ensino fundamental: ilustrando um jogo para computador

Elen Marten de Lima – Ações de extensão no Lago

Vanessa de Brito Belline – Programa de controle do tabagismo em atenção

primária à saúde

Kelly Barros Klein – Realização de oficinas de sabonetes – técnica de arte-terapia com portadores do mal de Parkinson

Rafael Lopes dos Santos – Conjunto instrumental do Colégio de Aplicação

Isabel Leivas Waquil – Radialistas-mirins na prevenção da saúde

Karlise Padilha Goulart – Medicamentos vencidos: informações para vencer a batalha

Alana Casagrande – O uso de plantas medicinais pela comunidade do Morro da Cruz, Porto Alegre: fator de saúde e fonte de renda

Daiane Pinheiro Janner – Laboratório itinerante tecnologia com ciência

Comunicação oral

Nara Maggioni dos Santos – Dia mundial do rim

Daniele Dall'ollo Peducia – Viraterapia: terapia assistida por animais

Lucas Guimarães Rechatiko Horn – PET ESEF oportuniza: esporte, recreação e dança

Michel Soares Caurio – Do PAIETS concebido ao vivido: desdobramentos da 1ª Oficina de Educação Popular

Ramile da Silva Leandro – Relato de experiência: teatro do invisível e seu caráter metodológico e extensionista

Andressa Federhem – Rede MPS-Brasil: um programa pioneiro sobre mucopolissacaridose no Brasil

Carolina Fischer Becker – Prevenção e abordagem multidisciplinar do tabagismo com ênfase na capacitação de estudantes da área da saúde

Natália Simanke Blumberg – Educação a distância e a terceira idade

Patrícia Ribeiro do Nascimento – Diferentes olhares para a educação infantil

Ana Inês Arce – Criação do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFRGS

Keila Ruttng Guidony Pereira – Programa Educação pelo Esporte: Projeto Quero-quero

Carolina Alves Vestena – Da dogmática à extensão popular – percepções de uma trajetória extensionista

Caroline Cantelli – Conta mais 2008

Guilherme Loureiro Fracasso – Projeto escola - Liga do Trauma UFRGS

Alex Vinicius Soares do Nascimento – A comunicação na construção da cultura de economia solidária

Leoneia Hollerweger – Informática para quê? Cursos de computação para pessoas com mais de 45 anos

Alice Giugno Gomes – Atendimento clínico-cirúrgico a equinos de proprietários de baixa renda – Projeto carroceiro 2008

Edar Ferrari Filho – Atividades de extensão do Departamento de Solos

Nina Magalhães Loguercio – Orquestra de flautas-doces do Colégio de Aplicação

Bruno Simas da Rocha – Caracterização dos medicamentos descartados por usuários da FPB/Farmácia-escola da UFRGS

Greice de Medeiros Stefani – Promoção da saúde na escola

Natália Batista Albuquerque Goulart – Projeto iniciação ao nado sincronizado

Rodrigo da Silva Fernandez – Ações de educação ambiental em escolas do ensino fundamental: a importância da Reserva Biológica do Lami.

Especial Unimúsica

UFRGS TV apresenta cantos do nosso chão

Redação UFRGS TV

CANÇÕES TRADICIONAIS de várias regiões do Brasil, apresentadas em arranjos contemporâneos e delicados, tendo a voz como instrumento central. Esta é a base do espetáculo *Cantos do nosso chão*, uma parceria entre o instrumentista, arranjador, compositor e produtor Benjamim Taubkin e o Núcleo de Música do Abaçaí. Entre as composições, tanto temas das caixas do Divino, do Maranhão, quanto músicas de Moçambique ou do Congado Mineiro, além de seqüências de ciranda pernambucana e de sambas-de-rodada do recôncavo baiano.

Como integrante da ONG Abaçaí Cultura e Arte, o Núcleo de Música do Abaçaí investiga diversos tipos de manifestações da cultura tradicional brasileira, envolvendo criações no teatro e na dança. Entre suas atividades está a manutenção da tradição do baiano folclórico da cidade, a conscientização ecológica, trabalhos de mímica e acrobacias.



Integrantes do Núcleo de Música do Abaçaí, durante espetáculo apresentado no projeto Unimúsica

Benjamim Taubkin explica como seu interesse em explorar a interface entre música e cultura o aproximou desse trabalho: “A música tradicional é hoje tão moderna quanto a MPB ou a música pop, mas é feita pelas comunidades, nasce nas festas ou nos mutirões, quando as pessoas constroem juntas uma casa, ou mesmo durante os rituais de devoção religiosa. O Núcleo costuma tocar essas canções como elas são tocadas nessas comunidades, e eu, com algumas idéias de harmonia, de melodia, de improvisos, convidei alguns outros instrumentistas”.

O resultado é um espetáculo no qual diversidade e simplicidade se integram para resgatar uma idéia de tradição que, segundo Benjamim, está associada a um olhar generoso sobre o imaginário popular, o meio ambiente e a autonomia dos povos. “Tem uma sabedoria popular maravilhosa no universo dessas músicas, que são compostas sabe-se lá por quem. São canções que toda a comunidade toca, e nesse sentido, são muito inclusivas”, destaca o instrumentista.

Assista aos programas

O Especial Unimúsica “Cantos do nosso chão” será exibido em duas partes, nos dias 4 e 11 de outubro, a partir das 21h30min, através da UNIV, canal 15 da NET POA.

Academia e mercado Conciliar trabalho e estudo é indispensável para a formação, mas cansa

A dura vida de estagiário

A resolução nº 61/2003 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da UFRGS define em seu artigo 3º que “O Programa de Estágio visa a proporcionar ao estudante a complementação do ensino e da aprendizagem, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico, científico e de relacionamento humano”. Na mesma linha, através do Projeto de Lei 2.419/07, aprovado pelo Senado em 13 de agosto (ainda aguardando sanção presidencial), o Congresso Nacional decretou que “estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular (...)”.

Ambos os documentos definem que todo estagiário deve ser supervisionado por um profissional da sua área de atuação, cumprindo uma carga horária máxima de 30 horas semanais. O regulamento interno da Universidade prevê que, se a Comissão de Graduação do curso permitir, poderão ser autorizados estágios de até 40 horas semanais. Caso o Projeto de Lei seja aprovado, no entanto, esse artifício será admitido somente durante o período de férias escolares.

Para saber se as nobres intenções da UFRGS e do Congresso Nacional se aplicam na prática, o Jornal da Universidade (JU) procurou alunos que estão estagiando ou já estagiaram para saber como eles avaliam a experiência.

A voz dos estagiários – Foram ouvidos quatro alunos de diferentes cursos da Universidade: uma estudante de Direito, outra de Veterinária e uma última de Relações Públicas, além de um aluno de Engenharia Civil. Todos disseram considerar válida a experiência como estagiários para as suas formações profissionais. Para eles, vivenciar na prática o que se aprende em teoria na sala de aula é fundamental.

A unanimidade entre os entrevistados, no entanto, pára por aí. Quando perguntado sobre o peso da carga horária extra sobre o desempenho acadêmico, o estudante de Engenharia Civil Thiago Busi disse cumprir uma jornada de 20h semanais, combinadas ao início de cada semestre de acordo com sua disponibilidade. A Projetak, empresa onde ele atua, desenvolve projetos estruturais. “Minhas funções não chegam a atrapalhar o curso, pois no início do semestre avalio meu horário e planejo como conciliar estudo e trabalho.” Ele considera positiva a orientação que recebe: “Por ser uma empresa privada, a cobrança é pesada, mas nunca tive a responsabilidade de um engenheiro. Tudo o que faço é revisado e corrigido por profissionais experientes”.

Esse cenário, no entanto, não parece ser a regra. Descrevendo seu estágio, a estudante do sexto semestre de Relações Públicas Joana Alves afirma que “nos dias de hoje, ninguém tem tempo de parar e te dizer como ou o que fazer. Na empresa em que estagio, temos de ‘aprender a voar’ sozinhos. Minhas responsabilidades são muito grandes e, se fosse contratada, faria exatamente a mesma coisa que faço hoje”. Trabalhando oito horas por dia, com pausa de uma hora para o almoço, Joana reconhece ter uma jornada cansativa, mas necessária em sua área. “Sempre chego atrasada às aulas, pois além de trabalhar oito horas, a empresa fica na região metropolitana.” Apesar da rotina puxada, ela não hesita em dizer que “a experiência tem sido enriquecedora”.

Longas jornadas de trabalho tam-



Thiago Busi, aluno de Engenharia Civil, faz estágio de 20h semanais em empresa privada

FLAVIO DUFRÁ/PROJETO CONTINIO

Fim da maratona para assinatura de contrato de estágio

Entra em funcionamento neste mês o Sistema Gerenciador de Estágios da UFRGS, ferramenta que vai informatizar todo o trâmite necessário para a assinatura de contratos nessa área. Assim, os alunos serão liberados do penoso périplo entre empresa, agente de integração, Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE) e Comissão de Graduação. Com o sistema, a oferta de estágio irá percorrer o percurso on-line, com o estudante sendo atualizado de toda a evolução do processo via e-mail. O sistema vale apenas para estágios não-obrigatórios.

bém são familiares para a estudante Joice Peruzzi. Segundo ela, “é impossível cursar Veterinária e realizar muitos estágios, porque nossa carga horária é pesada e horrível”. Por esse motivo, muitos alunos do curso aproveitaram as férias para agregar experiências práticas ao currículo. A estudante cursa o último semestre e realiza estágio curricular obrigatório. Joice atua num consultório sob a coordenação do doutor Mauro Lantzman, na área de comportamento clínico de cães e gatos, cumprindo oito horas diárias sem remuneração. No entanto, acredita que o esforço compensa: “Sou cobrada como se fosse formada, mas o veterinário que me orienta é muito prestativo. Ele sabe que estou aqui para aprender e faz o possível para que minha experiência seja proveitosa”.

A estudante do terceiro semestre de Direito Roberta Brochier é mais uma que reconhece a dificuldade de conciliar estágio e estudo: “Seis horas por dia atrapalha um pouco, mas nada que com dedicação não se possa conciliar”. Falando sobre seu estágio já con-

cluído na 1ª Turma Recursal da 3ª Redatoria do Juizado Especial Cível, ela elogia a experiência, mas faz uma ressalva: “Tive muita sorte, porque os assessores e o juiz do meu gabinete eram acessíveis, mas essa não é a realidade de todos os estágios”.

Precarização do trabalho – “O trabalho dos estagiários, tal como se configura hoje, representa uma alternativa para o capital em seu movimento de barateamento de custo (...) e uma forma de empregabilidade que burla as leis trabalhistas (...)” Foi partindo dessa idéia que o estudante de Ciências Sociais da UFRGS Bernardo Corrêa desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso *Pedagogia da Precarização – o lugar dos estágios na reestruturação produtiva*.

Bernardo concluiu que o estágio é uma alternativa de sobrevivência para importante parcela da juventude. Isso acontece porque grande parte da população jovem (entre 16 e 24 anos) não consegue inserção no mercado de trabalho de outra forma. Dados de 2005 do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) indicam que o número de desempregados com idade acima de 16 anos nas principais regiões metropolitanas do país chegava a um total de 3,5 milhões. Destes, 1,6 milhões eram jovens com idade entre 16 e 24 anos, ou seja, 46,4% da População Economicamente Ativa (PEA) que está desempregada.

Questionado sobre as alterações que o Projeto de Lei 2.419/07 pode impor a esse cenário, Bernardo disse acreditar que modificações só vão acontecer se a fiscalização for mais rígida. A posição coincide com a opinião do professor Daltro Nunes, do Departamento de Informática Aplicada da UFRGS, para quem “a falta de fiscalização faz com que os estagiários cumpram jornada de estágio maior do que a fixada por lei”.

Como forma de resolver o problema, Bernardo propõe a criação de associações de estagiários para organizar a luta da categoria por seus direitos.

Diego Difini, estudante do 6º semestre de *Jornalismo da Fabico*

Projeto garante férias e jornada menor

O Projeto de Lei 2.419/07, que aguarda sanção presidencial, revoga as leis números 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, unificando a legislação nacional sobre programas de estágios. O texto assegura mais direitos aos estudantes, como a garantia de férias remuneradas de 30 dias após um ano de trabalho e a limitação da jornada de trabalho em seis horas diárias e 30 semanais (para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, o limite são quatro horas diárias e 20 semanais).

A lei também torna compulsório o pagamento de bolsa-auxílio e vale-transporte no caso de estágios não-obrigatórios. Com sua aprovação, fica garantido que a concessão de benefícios relacionados à saúde e alimentação não acarretam vínculo empregatício. Além disso, a duração do programa não poderá ultrapassar o período de dois anos, o que já ocorre no caso da resolução da UFRGS.

O Projeto, que não altera os contratos de estágio em vigência, limita a quantidade de estagiários que uma empresa ou órgão de administração pública pode contratar. Pelas novas regras, o número de estagiários em relação ao quadro de funcionários deve obedecer as

seguintes proporções: de um a cinco empregados, somente um estagiário; de seis a 10 empregados, até dois estagiários; de 11 a 25 empregados, até cinco estagiários; e acima de 25 empregados, no máximo 20% de estagiários.

A garantia de mais direitos aos estudantes tornará a contratação de um estagiário mais onerosa para as empresas. Por esse motivo, especula-se que a oferta de vagas pode diminuir. O presidente da Associação Brasileira de Estágios, Seme Arone Junior, no entanto, aposta em uma estagnação na quantidade total de estágios durante o período de adaptação à nova legislação: “Enquanto algumas empresas deixarão de contratar, outras irão ampliar postos. Nesse balanço, acredito que o número das vagas não irá cair ou aumentar significativamente”, argumenta.

Atualmente, existe 1,1 milhão de vagas de estágio no país, segundo o último censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (Inep/MEC). Dessas, 715 mil são ocupadas por estudantes de ensino superior, representando 15,5% do total de 4,6 milhões de alunos matriculados em instituições desse nível no Brasil.

Estágios em números

Áreas mais procuradas

1. Administração
2. Informática e Ciências da Computação
3. Publicidade e Propaganda
4. Jornalismo
5. Fisioterapia

Fonte: Fundação Universidade-Empresa de Tecnologia e Ciências (Fundatec)

Remuneração média por área de atuação

1. Engenharia: R\$ 1.469,00
2. Administração pública: R\$ 1.114,00
3. Secretariado-executivo trilingue: R\$ 1.051,00
4. Ciências Econômicas: R\$ 1.005,00
5. Física: R\$ 922,00

Fonte: Núcleo Brasileiro de Estágios

Especial

Os projetos não são de um reitor, são da comunidade

Reitoria

Prestes a deixar o comando da UFRGS, o professor Hennemann resgata os avanços dos últimos quatro anos

NO DIA 23 DESTE MÊS, o professor José Carlos Ferraz Hennemann transmite o cargo de reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a Carlos Alexandre Netto em cerimônia no Salão de Atos. Em sua última entrevista como dirigente de nossa Universidade, Hennemann opinou sobre a situação do ensino superior brasileiro e sobre a administração de uma grande universidade.

Ele também falou das diretrizes pessoais que adotou ao dirigir a Universidade, entre elas, a de que um dirigente não deve aparecer mais que a instituição. Para o professor, a posição de destaque da UFRGS não pode ser avaliada somente pelo momento atual, pois resulta de um esforço contínuo de renovação e crescimento por parte de toda a comunidade universitária.

Jornal da Universidade – As universidades públicas experimentaram um longo período de escassez de recursos. Essa situação reverteu-se durante o seu mandato. Como o senhor avalia essa transição?

José Carlos Ferraz Hennemann – É preciso dar a devida atenção ao fato de que, nos últimos anos, a educação tornou-se algo importante e estratégico para o país. Isso aconteceu a partir do atual governo, que ampliou a destinação de verbas para a área, recuperando um passivo que as universidades federais amargaram durante muitos anos. O sistema federal de educação superior tem se mostrado bastante qualificado, tanto na graduação como na pós-graduação, na pesquisa e na extensão. É um sistema que, pelo ponto de vista da oferta de matrículas de graduação, foi encolhendo ao longo do tempo. Até a década de 1960, as instituições federais dispunham da maior parte das vagas no ensino superior, mas esse papel se inverteu de tal maneira que chegamos ao século XXI com as universidades públicas oferecendo o menor número de vagas na graduação. Assim, as universidades privadas passaram a suprir a demanda pela formação de quadros profissionais em nível superior.

JU – Mas apesar disso, as universidades federais continuaram ocupando o topo do ranking na educação superior, principalmente na área de pesquisa.

Hennemann – Não há dúvida, pelo fato de que o sistema público preocupou-se com a formação de quadros docentes. Os projetos de qualificação

de professores das universidades federais iniciaram entre o final dos anos 60 e começo dos 70, aliados à implantação do tempo integral nessas instituições. E, na década de 80, foi instituída a política de contratação de docentes doutores. Tudo isso fez com que as universidades públicas federais e muitas universidades estaduais se destacassem na área da pesquisa e da pós-graduação.

JU – Tantos anos de contenção geraram forte pressão por parte da sociedade sobre as universidades federais. Isso tende a diminuir com os investimentos do Reuni?

Hennemann – As universidades federais, a despeito da falta de recursos, apresentaram um crescimento significativo. A UFRGS, em 1990, tinha 44 cursos de graduação oferecidos no vestibular, em 2004 foram 61. Neste ano, oferecemos 69 cursos de graduação e no vestibular de 2009 serão oferecidos 75 cursos de gradu-

ação. Essa ampliação da graduação e da oferta de cursos deu-se à custa de muita dedicação e esforço por parte de professores e de técnicos. Também houve crescimento na pós-graduação: em 1991, tínhamos 46 cursos de mestrado, hoje temos 68; no doutorado, havia somente 19 cursos e, atualmente, são 62. Esses aumentos logicamente levaram ao crescimento do número de alunos. Na graduação, pulamos de 16.400 estudantes em 1990 para 24.500 em 2008. No mestrado, passamos de 3.000 para 4.700, de 1990 a 2007. E, no doutorado, a elevação foi de 950 para 3.290 estudantes. O Reuni torna possível dar continuidade à expansão das universidades com o aporte de recursos que nos permitirá a aquisição de equipamentos, a construção de prédios e a contratação de técnicos e de docentes. Com isso, as instituições públicas ampliam sua oferta de vagas, principalmente na graduação.

JU – A implantação das políticas afirmativas vai mudar o perfil do aluno da Universidade?

Hennemann – Logicamente. Ao implantar o programa de ações afirmativas através da destinação de vagas para egressos de escolas públicas e estudantes auto-declarados negros, a Universidade certamente terá uma mudança no perfil de seus estudantes. Mas essa transformação deverá ocorrer com a manutenção de nosso padrão de qualidade. No vestibular, o aluno cotista precisa atender a critérios mínimos e, uma vez aprovado, ter o mesmo nível de desempenho que os demais.

JU – Numa entrevista com o ex-reitor Macarthy Moreira, publicada em julho do ano passado pelo Jornal, ele afirma: “A adesão às cotas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul é um carimbo. Meu amigo Hennemann ficará marcado, se para o bem ou para o mal, só o futuro vai dizer”. O

programa de ações afirmativas é uma marca sua que fica para a história da UFRGS?

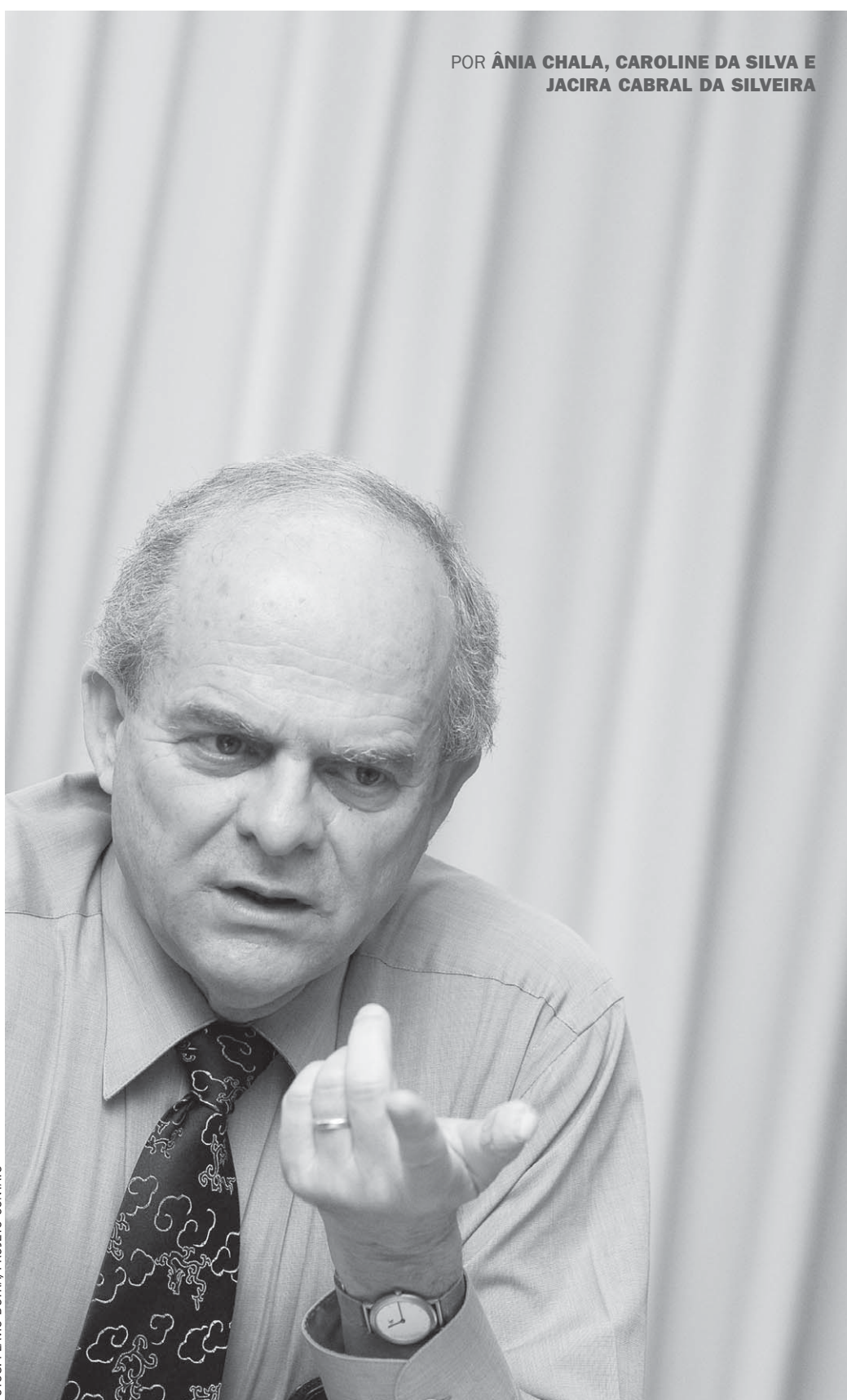
Hennemann – Quando nos apresentamos para a consulta à comunidade em 2004, esse era um assunto que estava em pauta. Já havia cobrança de alguns segmentos da sociedade e nos comprometemos a trazer essa discussão para a Universidade. O assunto foi amplamente debatido pela comunidade da UFRGS e depois analisado e aprovado pelos membros do Conselho Universitário. Portanto, de certa forma, é uma marca da administração, assim como diversas outras iniciativas. Acho que encerrar uma situação dessa natureza foi, de fato, uma das características de nossa gestão.

JU – Que outras realizações o senhor ressaltaria em sua gestão?

Hennemann – É difícil escolher uma realização, pois as atividades da Universidade são múltiplas. Eu diria que uma instituição com as características da UFRGS, com sua qualidade e posição de destaque em nossa região, tem um papel importante na sociedade. E manter esse nível já é um trabalho bastante grande. No entanto, acredito que avançamos muito na assistência estudantil e na busca de recursos para atender a demandas nessa área. Claro que ainda há muito por fazer, mas conseguimos construir dois prédios exclusivos de salas de aula, firmando uma nova concepção sobre ampliação do espaço físico. Os prédios estão localizados um no Campus do Vale e outro na Faculdade de Veterinária. Realizamos um conjunto de avanços nesses quatro anos como a modernização e reestruturação da Gráfica; a melhoria das condições de trabalho da Editora; aperfeiçoamento do vestibular com as provas sendo realizadas em menos dias e aplicadas também em cidades do interior; criação da Secretaria de Comunicação, integrando os órgãos de mídia da Universidade; criação do Setor de Captação de Recursos Institucionais, entre tantas outras ações. Por outro lado, mantivemos projetos importantes já em andamento na Universidade, como o Portas Abertas e a recuperação dos Prédios Históricos. Todo este esforço se expressa nas próprias avaliações em que a Universidade tem se destacado. Por exemplo, a avaliação da Capes caracteriza a UFRGS como a instituição que teve a maior média entre as instituições federais brasileiras. Em outra avaliação divulgada recentemente, o índice geral dos cursos do MEC, aparecemos entre as cinco primeiras universidades federais, com uma excelente pontuação. Além disso, indicadores de organizações internacionais também colocam a UFRGS em uma posição diferenciada.

JU – Então podemos dizer que as parcerias internacionais são rentáveis para a constituição da UFRGS como uma universidade de excelência?

Hennemann – Sim, e essa foi outra marca forte desta gestão. A UFRGS passou a ter uma ação internacional



POR ÂNIA CHALA, CAROLINE DA SILVA E JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Entrevista

José Carlos Ferraz Hennemann

que não privilegiou os tradicionais parceiros europeus e norte-americanos. Interagimos com outras regiões do mundo, buscando novos parceiros na Europa, África e Ásia, além de ampliar as relações com países da América Latina. Na África, programamos ações com Cabo Verde, África do Sul e Moçambique. Claro que continuamos trabalhando com França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, mas também intensificamos parcerias com Espanha e Portugal, onde inclusive há um forte apoio do Santander com bolsas para nossos alunos irem a esses dois países e vice-versa.

JU – Na UFRGS, desde que foi instuída a consulta à comunidade, a situação vence as eleições. Foi assim na sucessão de Hélgio Trindade, precedido por Wrana Panizzi, e na sua própria eleição. Agora, Carlos Alexandre Netto, candidato apoiado por sua administração, está assumindo o cargo de reitor. A que se deve essa tendência conservadora?

Hennemann – Eu diria que nessas sucessões mencionadas, o que ocorreu é que os candidatos que se habilitaram ao cargo de reitor eram pessoas vinculadas a administrações e, conseqüentemente, bastante conhecidos da nossa comunidade. Eles tinham conhecimento aprofundado da Universidade, o que lhes dava condições de se lançarem como candidatos, apresentando propostas que efetivamente eram incorporadas pela comunidade. Mas cada gestão tem um caráter próprio. Não se trata de repetição ou continuísmo. Não é um partido, mas uma continuidade de projetos. Principalmente, porque temos o entendimento de que os projetos não são de um reitor, são da comunidade. São projetos aprovados em seus conselhos, desde os departamentos das unidades, passando pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) e pelo Conselho Universitário (Consun). O papel do reitor é dar condições para que essas discussões aconteçam. Ele encaminha as propostas aos diversos conselhos, mas é a Universidade que assume os projetos.

JU – Por que o senhor optou por não concorrer à reeleição? Essa foi uma decisão tomada em conjunto?

Hennemann – Foi uma decisão pessoal. A decisão de não concorrer foi minha, porque entendo que uma gestão é suficiente para que se possam implantar projetos. Acho que, no meu caso específico, foi uma decisão acertada. E acredito que, na medida em que foi melhor para mim, foi também melhor para a instituição, porque um reitor que se habilita a um segundo mandato não pode ser levado a uma nova gestão por outros motivos que não sejam institucionais. Ao avaliar a possibilidade de minha candidatura, entendi que uma segunda gestão não seria boa para mim, nem para a Universidade. Como demonstrado em inúmeras ocasiões ao longo da história das instituições públicas, a renovação é benéfica. Embora exista a tendência de pensarmos que se alguém está fazendo um bom trabalho deva continuar, acho que sempre há outras pessoas prontas para assumir o cargo e que vêm com idéias novas.

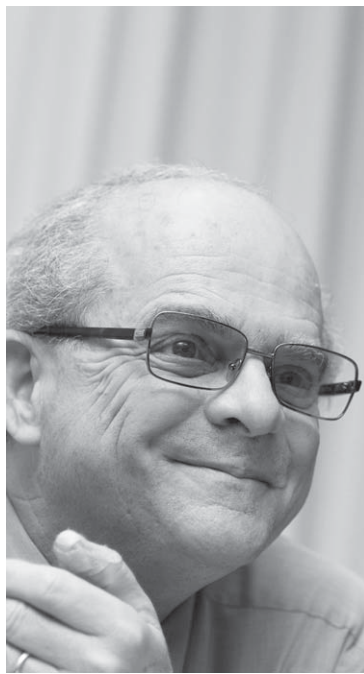
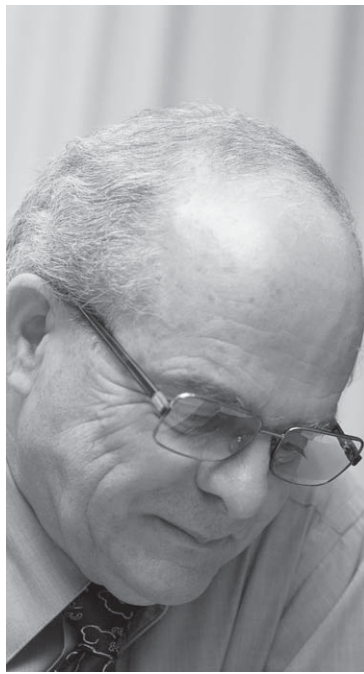
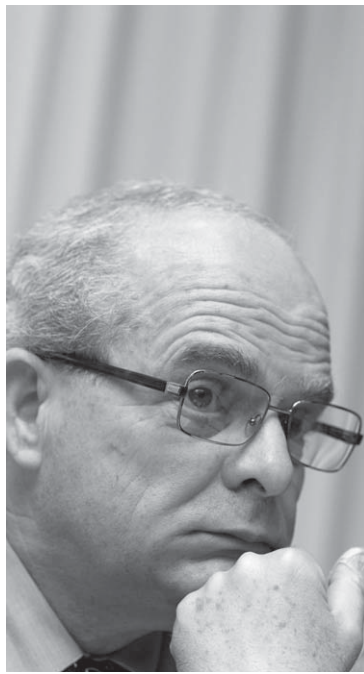
JU – Os cursos a distância são hoje uma realidade em várias universidades públicas e privadas. Porém, muitos não vêm com bons olhos essa modalidade de ensino. Como a UFRGS está acompanhando a

realização desses cursos?

Hennemann – Os cursos de educação a distância são uma modalidade relativamente nova entre nós. Mas o ensino a distância já existe há muito tempo, praticamente desde o início do século XX, quando havia os cursos técnicos por correspondência. O que temos hoje é a possibilidade do uso das tecnologias da informação. E a UFRGS preparou-se para isso, ingressando nesse processo de uma forma muito responsável. Temos o Programa de Pós-graduação em Informática na Educação, localizado no Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted), onde são desenvolvidas técnicas e competências nessa área. Temos também uma Secretaria de Educação a Distância (SEAD), que apóia as ações institucionais e os diversos cursos de graduação que estão sendo ofertados através da Universidade Aberta do Brasil. Oferecemos ainda cinco cursos de especialização, diversos cursos de extensão e aperfeiçoamento. A UFRGS ingressou nessa modalidade de forma muito responsável junto com outras universidades, públicas e privadas, que integram a Rede Gaúcha de Educação a Distância (RE-GESD). Reconheço que ela não é a panacéia para resolver o problema da educação no Brasil, mas é uma modalidade que precisa ser fortalecida. Por exemplo, nosso programa de formação de professores leigos, dentro do Pró-licenciatura, está sendo desenvolvido em diversos pólos. Os professores que estão em atividade fazem esses cursos nos pólos em que têm acesso a computadores, monitores e tutores. Em geral, cada pólo atende cerca de 30 alunos, que são professores da rede pública. O índice de evasão é baixíssimo e esses professores, principalmente mulheres na faixa dos 30 aos 45 anos, tomam esse projeto de uma forma muito firme. Ao final dos cursos, eles recebem um diploma da UFRGS. Essa é uma forma de melhorar a formação e educação básica junto a professores que, de outra feita, não teriam condições de sair do interior do estado e vir para Porto Alegre.

JU – A assistência estudantil foi bastante contemplada por sua administração. Isso foi resultado da abundância de recursos ou de uma política deliberada de apoio ao estudante?

Hennemann – Diria que foram as duas coisas. Mas acho que não podemos falar em abundância, mas na melhoria dos recursos de custeio para a universidade. Sempre que uma instituição pública recebe recursos, cabe à gestão definir para onde eles irão. Nós optamos por investir de forma significativa na assistência estudantil. Dobramos o valor das bolsas ao longo do tempo, que passaram de R\$ 150 para R\$ 300. Isso representou um grande avanço, pois hoje nos aproximamos do valor das bolsas pagas pelos órgãos de fomento à pesquisa. Os restaurantes universitários também foram foco de nossa preocupação. O novo RU do Campus Saúde, que colocamos em operação, oferece mil refeições por dia, no almoço e na janta. Estamos duplicando o restaurante do Campus do Vale, que está com as obras em fase bastante avançada. E devemos concluir, até o final deste mês, o RU do Campus Olímpico, uma solicitação antiga dos estudantes da Escola de Educação Física. No restaurante do Campus Centro, fizemos melhorias para



“Uma gestão é suficiente para que se possam implantar projetos”

diminuir as filas, outra demanda muito própria dos alunos. Além de diversas outras ações da Secretaria de Assistência Estudantil (SAE).

JU – Como vê os movimentos estudantis? As coisas são mais fáceis hoje em dia em relação ao seu tempo de estudante?

Hennemann – Acho complicado comparar os movimentos estudantis, porque são épocas muito distintas. Na década de 60, por exemplo, o movimento estudantil saía às ruas reivindicando o aumento do número de vagas nas universidades, pois havia o problema dos excedentes. Muitos estudantes faziam o vestibular, eram aprovados, mas não encontravam vagas na hora da matrícula nas universidades públicas. Mas vivíamos a época do regime militar, e outro foco do movimento era a luta pela liberdade política. Hoje, o movimento estudantil tem outras reivindicações.

JU – O senhor é conhecido por seus pares como um homem discreto. Quais foram suas dificuldades no exercício do cargo?

Hennemann – Para mim, é a instituição que precisa aparecer e não a pessoa. Esse é um ponto que julgo importante e sempre tento fazer com que a instituição apareça mais do que eu. Quando não posso comparecer a algum evento designo colegas representantes da administração para caracterizar a importância da Universidade em todas as ocasiões. Assim a Universidade está sempre representada, não necessariamente com o seu reitor. Reconheço que é um estilo próprio. Por outro lado, fico emocionado em cerimônias de homenagem à Universidade. Passei praticamente a minha vida aqui dentro: ingressei como estudante de Engenharia em 1965, e percorri todas as posições e cargos dentro da Universidade. Não deixei de dar aula até o ano passado. Somente neste ano é que estou me afastando um pouco. Sempre tive participação em todas as suas atividades, por isso, quando a UFRGS tem destaque, é homenageada, me sinto parte dessa comunidade. Mas procuro separar isso do aspecto pessoal, até porque tenho muito claro que a Universidade não é esse momento, não é só essa gestão, é todo um percurso que vem se qualificando desde 1895. Para mim, o mais importante é que ela vem num crescente. Ou seja, não é uma instituição que passou por um momento de glória e depois entrou numa letargia, numa latência. É isso que acho realmente gratificante para todos que acompanhamos as gerações que passam pela UFRGS. Tanto é que sempre fiz questão de receber na reitoria, a cada semestre, os novos contratados, técnicos e docentes, e também os aposentados. Meu propósito é realmente caracterizar esses dois momentos de colegas que passam pela Universidade, cujo trabalho se soma ao de outros que virão, sempre num movimento crescente.

JU – Estaria aí um conselho para a próxima gestão?

Hennemann – Não. Primeiro porque a UFRGS tem que manter a missão colocada dentro de seu Estatuto que é a de sua presença dentro da sociedade. Esse é o nosso norte. À medida que o tempo passa, novos desafios vão surgindo e eles vão aparecendo sempre para as próximas gestões, por isso é difícil dizer a uma nova administração que o caminho é este ou aquele.

Acredito que, na medida em que a nova gestão tiver presente a missão da universidade, os novos desafios deverão ser enfrentados. Ao assumirmos a administração da Universidade, já defendíamos a qualificação dos nossos espaços, a oferta de novos cursos e o aumento das vagas nos cursos de graduação. Há um ano e meio, o MEC lançou o Reuni, um projeto específico de ampliação das universidades. No contexto das universidades federais brasileiras, eu diria que a UFRGS teve uma situação não tão complicada para trazer esse projeto e vê-lo aprovado. Em outras instituições, a situação foi muito mais difícil. No entanto, as pessoas estão vendo que o Reuni vai dar um impulso às universidades e que a pactuação feita com o MEC está sendo respeitada.

JU – As metas de sua gestão foram alcançadas? Algo fica dos compromissos assumidos na campanha de 2004?

Hennemann – É difícil dizer. Quando se inicia uma gestão, temos um conjunto de propostas para levar adiante. Algumas são cumpridas integralmente, outras não. Ainda não tenho pronta essa avaliação para dizer que falhamos nisso ou acertamos naquilo. Mas o que acontece é um processo, uma dinâmica na qual, à medida que se vai avançando na gestão, as situações vão mudando. Eventualmente, uma meta se altera ao longo do tempo. Por exemplo, não imaginávamos que poderíamos avançar tanto na questão de espaço físico, pois construções sempre representaram uma dificuldade na Universidade, mas conseguimos fazer bastante. Buscamos recursos de diversas fontes: no MEC, na Finep e em outros órgãos de fomento. A bancada de parlamentares gaúchos também foi sensível aos pleitos da UFRGS e proporcionou recursos para que nós investíssemos. Tudo isso colaborou para que fôssemos um pouco além do que esperávamos.

JU – E o trabalho do Jornal, atendeu às expectativas de sua administração?

Hennemann – O Jornal da Universidade cumpriu o papel que, quando assumimos a reitoria, queríamos que ele cumprisse: um jornal que fosse efetivamente da Universidade, mostrando a instituição. Vocês conseguiram fazer com que isso acontecesse, juntamente com o Conselho Editorial, que tem dado uma contribuição muito grande, e com todas as pessoas da comunidade que tem colaborado com ele.

JU – A indicação do professor Alexandre foi marcada por certa tensão na comunidade universitária, com a polêmica em torno do peso dos votos. A alteração desses percentuais está na pauta do Consun ou o tema deverá ser retomado pela nova administração?

Hennemann – Nessa última consulta, houve um grande debate e polêmica em torno desse assunto. Temos aqui na UFRGS uma situação diferenciada, já que a consulta é uma consulta oficial prevista pelo Estatuto, então tem toda uma legislação que a regula. Entendo que, na próxima gestão, a questão deverá ter um encaminhamento de forma a dirimir essa polêmica.

JU – Quais são seus planos após deixar a reitoria da Universidade?

Hennemann – Meu plano é não ter planos. Por enquanto, vou tirar férias. Tenho um bom número de dias de descanso pela frente. Vou cuidar do meu jardim, fazendo isso quase como uma terapia.

Multiculturalismo em debate

Cultura Antropóloga da UFRGS analisa discurso de autora muçulmana sobre multiculturalismo e diz que é preciso discutir como o Estado trabalha com a diferença

Jacira Cabral da Silveira

A escritora somali Ayaan Hirsi Ali esteve no Salão de Atos da UFRGS em junho, participando do curso *Fronteiras do Pensamento*. Os jornais diários registraram a tumultuada passagem da ex-deputada do Parlamento holandês pela capital gaúcha. Ela buscou exílio na Holanda para escapar de casamento arranjado e, desde que se tornou uma crítica contundente do Islamismo, vive cercada de guarda-costas.

Entretanto, os meios de comunicação não abordaram com o devido aprofundamento a crítica de Ayaan sobre a excessiva brandura da política externa das potências ocidentais quanto ao que classificou de “perigosa doutrina do multiculturalismo”. Para a autora, não existe cultura ou respeito às diferenças que justifique a falta de uma ação mais vigorosa do Ocidente. Condenando toda violência, intolerância e terrorismo, disse estar convicta de que a ênfase numa identidade mulçumana e em seus respectivos “direitos de minoria” é prejudicial às mulheres mulçumanas.

Ganhadora dos prêmios Liberdade e Democracia, instituídos respectivamente pelo Partido Liberal da Dinamarca e Suécia, Ayaan afirmou ainda que o respeito aos direitos humanos deve anteceder o respeito às tradições e religiões. Em sua opinião, foi essa percepção de prevalência do direito do indivíduo sobre o da tradição de um povo que levou os países europeus ao desenvolvimento. No encerramento de sua palestra, a muçulmana pediu reflexão a todos que têm nas mãos o poder de decidir sobre o destino das pessoas, tanto no Poder Judiciário quanto em outras instâncias oficiais, criticando “a ilusão de que tudo deve ser desculpado por ser fato cultural”.

Como contribuição ao desafio reflexivo da escritora, o *Jornal da Universidade* buscou a análise da antropóloga Denise Jardim, professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

Jornal da Universidade – Quando falamos ao telefone, a senhora levantou alguns aspectos responsáveis pela visibilidade de Ayaan no âmbito internacional, como a defesa da mulher. Poderia falar sobre isso?

Denise Jardim – A passagem dela é um bom exemplo sobre como “a questão da mulher” e da diferença de culturas em um Estado multicultural não é um item anexo da pauta política, um adendo de programas políticos. Lembro que, durante muito tempo, os políticos tinham que pensar como agradar o público feminino tratando-o como um segmento à parte e normalmente isso escorregava para políticas da natalidade, do controle do corpo. Até hoje pode parecer a alguns que essa seria a arena mais legítima para chamar as mulheres para a cena política. Entretanto, Ayaan nos mostra outros aspectos. A política – incluindo os países islâmicos e outras nações – nutre-se dos ideais de emancipação corporificados nas trajetórias feministas ou de retóricas da “família” para falar dos destinos da nação. Isso até que não é muito novo. Ocorre que na atualidade – e de modo mais evidente nos países islâmicos – esse se torna um palco privilegiado da discussão política, da de-

núncia nacionalista ou panislamista da interferência de valores “ocidentais”. Um debate que tende a calar e não levar em conta os feminismos reais que são experimentados nesses países. A própria Ayaan refere ao ambiente de debate polifônico sobre a condição feminina nos países islâmicos. Será que conseguimos ouvir essa parte de seu depoimento? Como nos lembra Lila Abu-Lughod, a retórica do feminismo emancipatório ultrapassou as fronteiras do corpo feminino e tornou-se uma das arenas mais quentes do debate político na atualidade, pois nos induz a debater, dividir águas, continentes e “ocidente versus oriente” a partir da necessidade de emancipar e libertar todos os sujeitos a exemplo, e do mesmo modo, que o feminismo teria conquistado e libertado os nossos corações. Não estou sendo muito clara sobre como qualifico Ayaan e isto é proposital, pois a presença dela nos fez pensar e isso, por si só, já valeu a pena. Entretanto, corremos o risco



O “Estado multicultural”, como conhecemos na prática, por vezes toma para si o papel de previamente definir quais diferenças são as significativas, e se elas têm feições raciais ou sociais, produzindo linhas de reflexão globais que não necessariamente são adequadas

de proferindo ideais de liberdade a partir de palcos tão legítimos como o feminismo, tomando para si ideais da liberdade individual – para si e para todos – instalar os perversos trabalhos da inquisição contra o obscurantismo da tradição. Como antropóloga, jamais poderia dizer que “o” feminismo se restringe necessariamente à emancipação (restrita a um sentido de liberdade individual) ou que “a” tradição é incompatível com renegociação de consensos e normas sociais. É exatamente isso, como analista, que deveria submeter a teste em estudos de campo, conhecendo grupos sociais e tomando-os como sujeitos e não “objetos” de políticas sociais.

JU – Como podemos entender a crítica da escritora ao multiculturalismo?

DJ – No que tange ao multiculturalismo, há inúmeras controvérsias. A maneira como o utilizamos para descrever multiplicidade e pluralidade nas Ciências Sociais não necessariamente corresponde a uma definição prévia de “unidades culturais fechadas”. Entretanto, quando percebo a introdução do termo “científico” como um horizonte desejável de políticas públicas, me dou conta que ele é extremamente potente. Vem junto, no “pacote”, a ideia de promover, melhorar a vida das pessoas, cultivar o respeito às suas culturas. Isso chega a arrepiar, pois, na prática, partimos de nossas compreensões mais sensíveis do que é promover algo, ou emancipar o outro. Emancipar do quê? Promover o quê? Ai chegamos a inúmeras nuances. Ocorre que o “Estado multicultural” como conhecemos na prática, por vezes toma para si o papel de previamente definir quais diferenças são as significativas, e se elas têm feições raciais ou sociais, produzindo linhas de reflexão globais que não necessariamente são adequadas e pensadas do mesmo modo, em um sentido emancipatório, em situações específicas – em uma escola, um bairro ou região. Questões sobre desigualdade acabam entrando de contrabando e fomentando a discussão da vida escolar e dos jovens. Nesse sentido me parece bem interessante, mas na prática precisamos refletir sobre a implementação de políticas que reduzam os problemas conhecidos a novos termos. O que o multiculturalismo e seu debate potencializam é a reflexão sobre as tensões e a maneira como o Estado gestiona a diferença, bem como o modo como nós experimentamos a diferença e a desigualdade. Assim, quando Ayaan “defende” o “fechamento das escolas islâmicas” ainda não sabemos, não temos acesso exatamente a tudo o que está envolvido nessa demanda, e sobre esse difícil equilíbrio entre o direito à diferença e sobre quem são os gestores da diferença na sociedade holandesa: como se redistribuem os poderes familiares e do Estado nessa situação, por exemplo? Há muito o que indagar antes de amplificar o problema holandês como o problema europeu e, a partir daí, referir a um problema do fundamentalismo islâmico ou ocidental com o “orientamento que habita entre nós”.

JU – Na sua opinião, como esse conceito tem evoluído no senso comum? Poderia dar alguns exemplos de como os indivíduos ou o Estado revelam-se neste sentido?

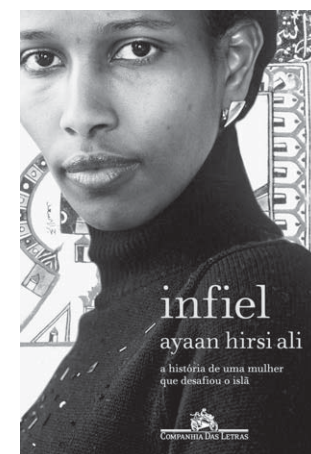
DJ – O direito à diferença não poderia ser reduzido à observação das ações pragmáticas de sujeitos demandantes de recursos do Estado. Com o respaldo da carta constitucional, a compreensão do direito à diferença tem tomado rumos bastante inusitados. Vejamos o exemplo da parada gay em São Paulo ou Porto Alegre. O direito à diferença deixa de ser uma reivindicação individual de respeito à opção sexual para somar uma variedade de pautas de direitos reprodutivos, políticas de saúde e de apoio contra práticas discriminatórias. Ela extrapola, por exemplo, um pleito individual e é conduzida por organizações – que atendem a questões pragmáticas de acessos, políticas e crítica



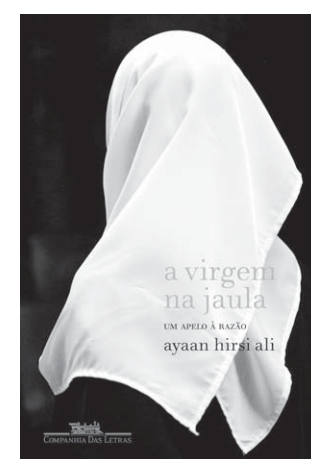
FOTOS: FLAVIO DUINA/PROJETO CONNATO

a políticas de Estado ou por coletividades. A parada gay extrapola, inclusive, noções identitárias, pautadas pelo pragmatismo, é performática e é, portanto, uma política de identidade pela ampliação das noções de sexualidade e seus significados. Neste sentido, plural na prática, as siglas parecem se alargar e serem sempre submetidas a novas metamorfoses. Quando o poder público ou o público parece que entendeu, acrescenta-se mais uma letra (ao GLS) para tornar instável e revitalizar o debate... Outro exemplo que poderia ser evocado são os pleitos de sociedades indígenas que, além de reivindicar o atendimento às suas demandas, tensionam as formas como tal atendimento deveria ser implementado. Ou seja, não se trata de passar no guichê do poder público e buscar a resposta a sua demanda. A experiência desses grupos é tanto o de chamar a atenção para si, exigindo respeito a sua existência, especialmente quando são banidos inclusive da beira da estrada, pois o poder público ainda tem essa mania, quanto de tensionar as formas mais rotineiras como o Estado vinha atendendo a reivindicações, reduzindo-as a demandas pontuais ou vistas como insolúveis. Portanto, a promoção de direitos parece exigir flexibilizar as formas de observar direitos humanos mais de acordo com a trajetória e experiência direta dos sujeitos de direitos. Há um longo caminho pela frente, mas sempre é bom lembrar que não nos faltam coletividades e, portanto, protagonistas nessa história.

Para ler



Infidel: a história de uma mulher que desafiou o Islã
Ayaan Hirsi Ali,
Cia das Letras, 2007



A Virgem na jaula
Ayaan Hirsi Ali,
Cia das Letras, 2008



Genética A ciência do século

Expoente Para o professor Francisco Salzano, referência internacional na área, descobertas revolucionaram os últimos tempos

Caroline da Silva

Genética de populações foi o tema do XVI Encontro de Geneticistas do Rio Grande do Sul, realizado em julho em Porto Alegre. Além da programação científica, havia duas outras razões para unir tantos pesquisadores e estudantes: a comemoração pelos 45 anos do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular e os 80 anos de vida do professor Francisco Salzano – para quem a genética é a ciência do século.

Para abrir o evento, foi convidado o professor Laurent Excoffier da Universidade de Berna (Suíça), que falou sobre a história genética das popula-

ções humanas. “Excoffier é teórico também na geração de ferramentas para a análise, tem um talento especial para desenvolver métodos que usamos para analisar”, afirma a coordenadora do PPGBM, Maria Cátira Bortolini. O professor suíço também esteve na UFRGS no ano passado, participando de um workshop sobre evolução. Francisco Salzano conta que um orientando seu já utilizava os modelos matemáticos desenvolvidos por Excoffier e que, em 2007, pôde estreitar os laços de amizade com ele: “Não é qualquer um que desenvolve esses modelos matemáticos. É complicado e necessita de computadores de alta performance”,

acrescenta o pesquisador.

Segundo a professora Maria Cátira, “hoje, sem a Bioinformática, tu não fazes nada, porque a quantidade de dados que sai desses projetos genômicos é estratosférica. Quem trabalha em nível populacional, não considera um indivíduo, mas 100, 200, 300”. Ela diz que para estudos evolutivos e antropológicos importa o conjunto. As inferências evolutivas são tiradas do *pool gênico* de uma determinada população. Para manejar as informações, são necessários *softwares* específicos.

Indígenas – A genética de populações pesquisa o comportamento dos

alelos (genes) em nível populacional. O estudo com etnias é um dos ramos. Pode-se dizer, por exemplo, que a maior parte dos genes indígenas não está nos milhares de centenas de índios que ainda vivem em aldeias. A porção de 0,25% da população brasileira, que corresponde àqueles em reservas, não traduz o total de herança indígena. “Como nossa população é muito miscigenada, os brasileiros urbanos carregam parte do genoma indígena”, esclarece Maria Cátira.

Tudo está marcado no genoma: questões de demografia, expansão, natureza, do fluxo gênico. “Fluxo gênico direcional é o que aconteceu na história da formação das popula-

ções contemporâneas brasileiras. Os genes indígenas presentes em nossa população vêm das mulheres, não dos homens indígenas. A mulher foi absorvida no início do processo de colonização.” A professora explica que se pode enxergar tais elementos claramente no genoma, porque há uma porção que vem pela herança materna, que tem um genoma especial, o genoma mitocondrial: “A proporção de genomas ameríndios é enorme. Já o cromossomo Y, que vem do pai, não é encontrado nas populações urbanas indígenas, só nas europeias”, afirma a pesquisadora. Processo semelhante ocorreu com a herança dos genes africanos.

Entrevista 50 anos pesquisando povos indígenas

JU – No final da apresentação do professor Aldo Mellender de Araújo no Encontro de Geneticistas, ele lhe agradeceu por permanecer em Porto Alegre. Por que o senhor tomou essa decisão?

Francisco Mauro Salzano – Eu recebi dois convites oficiais e uma sondagem para ir aos Estados Unidos, que são referência mundial em Genética. Mais de 50% de toda a Ciência do mundo é feita naquele país. Eles são líderes. Mas, em primeiro lugar, eu gosto do Brasil. E, em segundo, não gosto da vida americana, é uma sociedade muito competitiva e as pessoas também não são muito bonitas. Então, não aceitei. Mesmo porque, estava comprometido aqui. Acho que o cientista tem deveres claros, o principal deles é pesquisar. E também tem compromisso com a sociedade em que vive. Esse tempo todo, venho batalhando pelo reconhecimento da Ciência em nosso país. Não iria para lá, embora as condições fossem melhores. Mas a Genética, especialmente, está fazendo um trabalho de ponta e, no Brasil, sempre foi uma das ciências mais atuantes.

JU – O senhor já trabalhou em outras universidades?

FMS – Não, está louca? Nós temos um programa de colaboração com a PUCRS. Recentemente, foi criado seu

Centro de Biologia Genômica e Molecular, que tem várias pessoas que foram formadas por mim e que estão desenvolvendo um trabalho excelente. Temos um trabalho bom de parceria, mas é isso. Nunca pensei em deixar a UFRGS e muito menos por entidades religiosas.

JU – Quanto às implicações éticas no trato com as populações indígenas, como está a legislação hoje? Há 15 anos, não era necessário o consentimento escrito para a coleta de material biológico.

FMS – Está muito complicado, realmente. Houve problemas no passado, mas nós sempre nos pautamos no sentido de montar um esquema que desse a garantia para a população que ia ser estudada de que ninguém seria prejudicado. Também procurávamos retribuir o tempo e o material que eles nos forneciam através, especialmente, de assistência médica. Isso muito antes do surgimento da Bioética. É importante que as comunidades sejam ouvidas e que todo o procedimento seja perfeitamente esclarecido no início, para evitar problemas. Atualmente, temos um trabalho de Genética relacionado à suscetibilidade de tuberculose – e talvez a outras doenças infecciosas, se for estendido – entre os Xa-

vantes do Brasil Central. A comunidade está sempre sendo ouvida e tem informação sobre o que estamos fazendo. Eles vieram aqui ver como é feita a manipulação do material que eles forneceram. Há um relacionamento bastante proveitoso com os Xavantes. Infelizmente, com os Suruí, de Rondônia, não ocorreu o mesmo. Eles também vieram aqui observar o que estávamos fazendo e demos todas as informações necessárias. O projeto foi aprovado pelo comitê de Ética e Pesquisa e pelos líderes da comunidade. Uma de nossas colaboradoras foi para lá para coletar material genético, mas na hora da partida, eles proibiram que ela saísse com o material.

JU – Mas ela estava sozinha, tinha algum apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai)?

FMS – Esse era um programa com a Fundação Oswaldo Cruz, então havia mais um colega da Fiocruz. Parece que os Suruí foram influenciados pela delegada da Fundação Nacional da Saúde (Funasa). Perdemos tempo e dinheiro. E eles vão ser prejudicados, porque são um dos grupos indígenas que têm alta prevalência de tuberculose. A idéia era relacionar estudos de diferentes tipos de apoio epidemiológico com o estudo da Genética para ver a eventual suscetibilidade que eles possam ter, diferentemente de outros grupos. Essa é uma coisa que vem sendo estudada há muito tempo, porque certas pessoas quando são infectadas pelo vírus da tuberculose, por exemplo, desenvolvem a doença e outras não. Há casos de indivíduos que conviveram com o bacilo toda a vida e nunca tiveram a doença. É isso que queremos investigar.

JU – Existe a possibilidade de relacionar os descendentes dessas tribos com a suscetibilidade à tuberculose,



CADINHO ANDRADE

numa associação entre genética de população e genética médica?

FMS – Exatamente. Agora há métodos através dos quais é possível fazer uma varredura de todo o genoma, de todo o material genético de um indivíduo para fazer associações com a existência ou não de doenças, se há infecção e o curso clínico dela. É uma área que está sendo desenvolvida em todo o mundo, temos o interesse de avançar. Eu tenho interesse pessoal, porque venho trabalhando com esses grupos indígenas há meio século.

JU – O modelo da fusão-fissão foi desenvolvido com que tribo?

FMS – Com os Xavantes. Essa é uma das coisas do nosso trabalho que tem sido mais considerada na literatura mundial. O que a gente observou foi que nas suas tribos, e depois em vários outros grupos, há uma variabilidade no tamanho do grupo na aldeia. Encontramos evidências relacionadas com o fato de que, à medida que vai aumentando a população de uma

comunidade, aumenta a possibilidade de conflitos entre grupos rivais. Quando esses problemas chegam a um determinado ponto, parte do grupo sai e vai formar uma nova aldeia em outro lugar da selva.

JU – E constituem uma outra linhagem? Isso seria a fissão?

FMS – Sim, podem até constituir, no final, uma nova tribo. A fissão não se dá de maneira casual, são grupos de pessoas hermeticamente relacionadas, parentes e afins, que vão para essa localidade. Eles ficam lá durante algum tempo e podem entrar em contato com outro grupo que se separou e fundir-se com ele. Então, há a fusão desses dois grupos, ou de três etc. Ai começa tudo de novo: aumenta o número de indivíduos, começam as brigas, há fissão novamente. Isso é um tipo de estrutura populacional que ocorre em grupos caçadores-coletores.

JU – O mesmo processo pode ser observado em outros grupos indígenas?

FMS – Quando em determinada região se começa a desenvolver a agricultura, há o sedentarismo. As tribos que trabalham na agricultura ficam num lugar só, e não variando de local como no modelo da fusão-fissão, isso tem implicações com relação à variabilidade genética. Se tu trocas teus genes com diferentes pessoas ao longo do tempo e do espaço é diferente do que se tu ficas só em uma comunidade. Pode haver problemas genéticos, decorrentes do endocruzamento.

JU – Então, dentro da mesma tribo há menor variabilidade genética, e quando ocorre o modelo fusão-fissão essa variabilidade aumenta?

FMS – Exatamente, pois a junção de grupos de tribos diferentes é que permite a mescla e o consequente aumento da variabilidade genética.

Pesquisas genéticas necessitam de consentimento dos indígenas



FERNANDA SCHLOSSER



Três atos temporais de Bailei na curva

Teatro Enraizado na cultura gaúcha, o espetáculo que transcendeu os palcos teve apresentações especiais durante o IX Salão de Extensão

CENA I — A criação

Sete jovens atores subiram ao palco do Teatro do Ipê no dia 1º de outubro de 1983 para a estréia de uma das peças de maior prestígio nos palcos da capital gaúcha. A primeira apresentação de *Bailei na curva* ficou gravada na memória cultural da cidade.

A produção do espetáculo levou cerca de nove meses, sendo que o texto foi construído coletivamente pelo grupo a partir das experiências de vida dos integrantes. O diretor Julio Conte explica: “É uma peça heterobiográfica. Muito do roteiro parte do que vivemos, ou do que presenciamos, dramatizado para o teatro”. A idéia de criação coletiva inspirou-se no trabalho do grupo teatral *Asdrúbal Trouxe o Trombone* do Rio de Janeiro, fundado no início da década de 70. Intérprete original da personagem Gabriela de *Bailei na curva*, a atriz Márcia do Canto, confirma a influência carioca sobre o Grupo *Do Jeito que Dá* (nome do conjunto de atores liderado por Julio Conte): “Naquele momento, já existia no Brasil um movimento teatral diferenciado no qual estávamos inseridos”. Essa técnica também foi adotada em outros meios artísticos de Porto Alegre. Dois anos antes, os cineastas Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti haviam lançado *Deu pra ti anos 70*.

O desejo de contar suas histórias foi a principal motivação dos artistas daquele período em que o inimigo comum era a censura. Quase como uma afronta a esse contexto, *Bailei na curva* utilizou-se de uma linguagem teatral espontânea para contar a



Cena do grupo na atual remontagem. À direita, o elenco original.

história de sua geração. Cláudio Cruz, que interpretava o personagem Caco na primeira montagem, acredita que “a peça deu um passo adiante ao introduzir o elemento político nesse tipo de montagem”. Não foi fácil, porém, encontrar uma produtora que investisse na peça. Depois de bater em várias portas, fecharam contrato com a Opus Promoções. Uma história curiosa: parte do dinheiro para o financiamento de *Bailei na curva* foi retirado da apresentação de um bailarino russo, Alexander Godunov, que ocorreria em Porto Alegre na mesma época. O diretor da produtora, Geraldo Lopes, negociou com o secretário de Cultura da capital, e conseguiu metade da verba que seria destinada para o espetáculo do dançarino. Julio Conte, ao lembrar o fato, sorri dizendo: “Obrigado, Godunov!”. A cultura do nosso estado e do país também agradece.

CENA II — O fenômeno

As filas para a compra de ingressos se acumulavam depois de cada apresentação. Ao final de um ano de apresentações, as estimativas eram de que 60 mil espectadores já tinham assistido ao espetáculo. Tanto êxito resultou em temporadas pelo centro do país. Nenhum dos envolvidos esperava tamanha repercussão.

Para Julio Conte, o que determina

a existência do bom teatro é a harmonia na relação entre o autor, o diretor e o ator, o último representando toda uma comunidade. E é esse um dos segredos de quase três décadas do sucesso: a conexão do artista de palco com o público. Afinal, independente do pano de fundo político, a trama de *Bailei na curva* fala sobre o processo de crescimento humano. “As descobertas, os medos que temos em algum momento da vida, são situações que permeiam todas as pessoas, talvez por isso a grande identificação do público com a peça”, completa Márcia do Canto. O ator gaúcho Zé Victor Castiel, que revelou já ter visto o espetáculo mais de 40 vezes, concorda e acrescenta: “*Bailei na curva* tem uma fórmula dramática teatral espetacular, pois trata de um assunto tão pesado com leveza e humor”.

Na opinião do professor e crítico teatral Antônio Hohlfeldt, um dos méritos de *Bailei na curva* foi ter lançado uma nova geração de artistas: “Era um pouco de uma sessão de psicanálise, os atores se identificavam com os personagens. Havia muito de improviso e isso dava vitalidade ao espetáculo”. Hohlfeldt acha que a direção de Julio Conte também colaborou para o sucesso, pois ao preferir a idéia de fragmentação das cenas ele permitiu que ocorresse uma maior identificação emocional. “A peça conseguiu ler esse



WILMAR CARVALHO

L. A. GUERREIRO

período difícil, onde muita gente foi morta, com uma perspectiva humanística. No final, você ainda acredita na humanidade”, esclarece o professor universitário. Para completar, havia a canção *Horizontes* de Flávio Bicca, que traduziu toda a mensagem da peça. Antes de aparecer na primeira montagem, a música já tinha alcançado repercussão ao conquistar o terceiro lugar no Festival Universitário de Música Brasileira de 1983.

CENA III — Um marco

Bailei na curva já é uma das peças mais encenadas em todo o Brasil. O espetáculo ganhou duas remontagens: uma em 1994 no Theatro São Pedro, ainda com a maioria dos artistas originais, e outra em 2000, já com todo o elenco reformulado. É possível dividir o teatro gaúcho em antes e depois de *Bailei na curva*, quando o público passou a valorizar as produções locais.

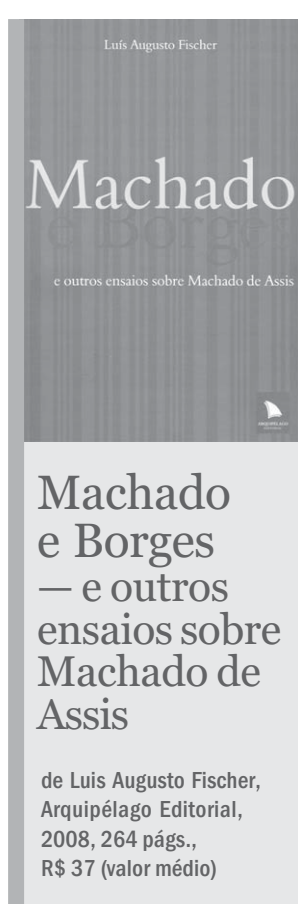
Não foi à toa que Eva Sopher, curadora do Theatro São Pedro, convidou o elenco para uma nova temporada em 1994, a fim de comemorar os dez anos de reabertura da casa: a peça já era um divisor na história do teatro gaúcho. Ajudou a desenvolver um novo espaço para a arte dramática da capital, nas palavras de Julio Conte, “deu a idéia de que era possível fazer teatro no Rio Grande do Sul”. Até meados dos anos 80, a mai-

oria dos espetáculos eram remontados a partir de sucessos do eixo Rio-São Paulo. “Vivíamos quase que um simulacro do que acontecia no centro do país”, diz o diretor. Os atores necessitavam ter outra fonte de renda, além de sua atuação artística, pois as temporadas não tinham continuidade – e a produção local era bem menor. Peças como *Bailei na curva* ajudaram a abrir caminho para um mercado cultural mais vigoroso. As pessoas começaram a valorizar mais as produções gaúchas. Zé Victor Castiel vai mais longe ao dizer que “o teatro gaúcho superou fronteiras e hoje vê vários de seus artistas com carreiras nacionais, o que era inimaginável naquela época”.

A nova remontagem apresentou-se na nona edição do Salão de Extensão da UFRGS no início deste mês. O espetáculo sempre teve uma estreita relação com a Universidade, pois a maioria dos atores do grupo original era formada por alunos do Departamento de Arte Dramática, incluindo o diretor, Julio Conte. Já que as primeiras idéias nasceram nos corredores do curso de teatro da UFRGS, nada mais natural que a peça fosse homenageada por seus 25 anos de vida.

Rafael Gloria, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico

JU indica



Já diria o mestre Antônio Cândido, “fazer literatura brasileira é fazer literatura comparada”. Esse é o tom do mais recente livro do discípulo Luís Augusto Fischer, professor do Instituto de Letras da UFRGS. A publicação reúne seis ensaios que bem representam o interesse de Fischer pelo Bruxo do Cosme Velho, aproveitando a efeméride dos cem anos de falecimento de Machado. O primeiro e mais extenso ensaio, que dá título ao livro, é uma aproximação louvável dos gênios brasileiro e argentino propondo que ambos são autores formativos para suas culturas. Assim como o ensaio seguinte, que segue a linha do primeiro, e analisa Poe sob o prisma da formação, propondo que os três, Poe, Machado e Borges, são

“uma linhagem de três contistas americanos decisivos para o futuro do gênero, com o detalhe de que não aconteceram, fora daqui, na ordem em que vieram ao mundo”. Os demais ensaios enfocam partes da obra machadiana ou de forma específica (*Quincas Borba*, *O Alienista*) ou através de uma abrangente mas esclarecedora visada de conjunto (“Traços estruturais dos contos de Machado de Assis”, “A crônica dos 20 anos”), valendo-se das categorias literárias, é claro, mas também de História, Sociologia e até Psicanálise. Não são textos academicistas, mas não dispensam um leitor que conheça razoavelmente Machado e esteja disposto a uma reflexão de profundidade hoje pouco comum mesmo nas acadêmias. (Marcelo Spalding)



Este belíssimo romance é uma reflexão sobre a amizade e a paixão. Um homem de idade avançada aguarda em seu pequeno castelo na Hungria a visita de um antigo conhecido e relembra dolorosos fatos ocorridos num passado distante. Ele espera que este encontro o ajude a esclarecer algumas questões associadas ao rompimento da amizade que os unia. A maior parte do texto é constituída pelas divagações da personagem principal sobre princípios e valores de vida. Sándor Márai é ainda pouco conhecido do grande público brasileiro, mas é considerado por críticos internacionais um dos grandes escritores do último século. Outras excelentes obras do autor que estão traduzidas para o português são: “A herança de Ester” e “De verdade”. (Artur Lopes)



A partir dos relatos de três mulheres, a obra investiga as implicações do uso da Internet como forma de acesso ao objeto do desejo. A autora, psicanalista e professora da UFRGS, constata o desamparo desses sujeitos no momento da escolha do par amoroso, sustentando que a rede mundial de computadores talvez seja mais que uma mania, uma alternativa para levar adiante o processo de transição dos hábitos e costumes na esfera da sexualidade. Economicamente independentes, as mulheres pesquisadas podem fazer suas escolhas sexuais, privilégio antes restrito ao universo masculino. Na definição da psicanalista, as mulheres vivem a transição de uma posição tradicional para outra, resultante de suas próprias conquistas. (Ânia Chala)

Para descobrir Francisco Brennand

Artes plásticas
Exposição do Museu da UFRGS
exibe, até o final do mês, esculturas e desenhos do consagrado artista pernambucano

Ânia Chala

Pela primeira vez, Porto Alegre recebe o trabalho de Francisco Brennand. Escultor, pintor, ceramista, ilustrador e gravador, ele criou murais, painéis e esculturas que hoje estão misturados às belezas da capital pernambucana. Aos 81 anos, o pernambucano continua trabalhando ativamente.

A exposição, em cartaz no Museu da UFRGS, integra as comemorações do bicentenário do Banco do Brasil e apresenta 33 peças em barro queimado a altas temperaturas. Complementando a mostra, pinturas e desenhos que atestam a significativa contribuição do artista a essas técnicas.

Criador inquieto, Brennand não tem preconceitos na utilização de materiais: seus desenhos vão do nanquim à caneta Bic, passando pelo pastel, guache e lápis de cor. A exposição tem curadoria do cineasta e crítico de arte Olívio Tavares de Araújo.

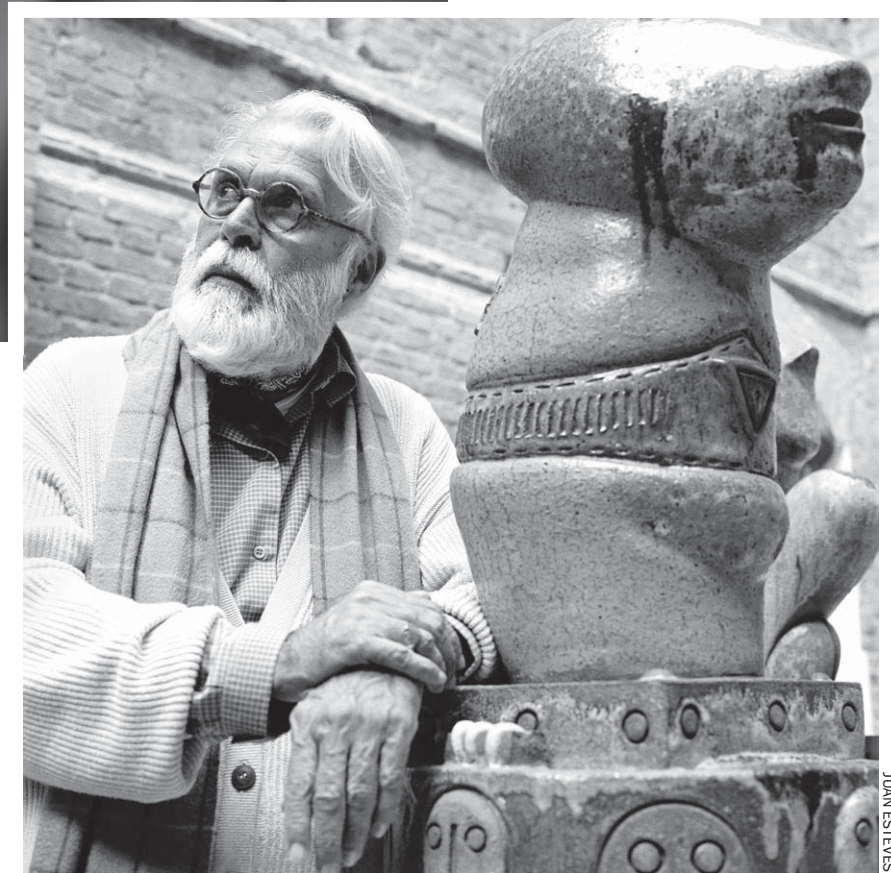


FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Quem é o artista

Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand nasceu em 11 de junho de 1927, em Recife. Dedicou-se à carreira artística influenciado pelo convívio com Abelardo da Hora e Alvaro Amorim. Estudou com Murilo Lagreca de 1945 a 1947, ano em que conquistou o primeiro prêmio no Salão do Museu do Estado de Pernambuco. Na Europa, entrou em contato com a obra arquitetônica e escultórica de Antoni Gaudí e a cerâmica de Pablo Picasso. Na Itália,

aprimorou seus conhecimentos de cerâmica estagiando numa fábrica de faiança. Em 1971, instalou seu ateliê-oficina nas ruínas da Cerâmica São João da Várzea, empresa fundada por seu pai. Em 1994, recebeu o Prêmio Interamericano de Cultura Gabriela Mistral e, dois anos mais tarde, a Ordem do Mérito Cultural. Dentre suas obras, destacam-se os murais do Aeroporto Internacional de Guararapes e da Biblioteca Pública de Pernambuco.



LUAN ESTEVES

Brennand – uma introdução

Visitação:
até 28 de setembro, de terças a domingos, das 9h às 18h
Onde:
Museu da UFRGS
(Av. Osvaldo Aranha, 277)
Entrada franca
Agendamento de visitas:
3308-4022

Entrevista “Sou um escultor com coração de pintor”

A produção de Francisco Brennand encanta os visitantes de seu museu-oficina localizado no bairro da Várzea em Recife, onde mais de duas mil esculturas distribuem-se em 14 mil metros quadrados de jardins projetados por Roberto Burle Marx. A propriedade, à qual o artista dedicou quase metade de sua vida, foi batizada de *Oficina Cerâmica Francisco Brennand* e transformou-se num dos principais pontos turísticos da capital pernambucana.

Suas obras remetem a um universo peculiar, do qual fazem parte mitos antigos e figuras femininas de intensa sexualidade.

Nesta entrevista concedida via e-mail, ele critica o controle da economia de mercado sobre a produção artística e reafirma sua grande paixão pela pintura.

JU – A escultura, e em especial a cerâmica, tem pouco destaque nas escolas de arte universitárias. Por que esse distanciamento da academia?

Francisco Brennand – Todas as manifestações artísticas dentro do mundo contemporâneo são rigidamente controladas pela economia de mercado através de leilões, galerias, museus, colecionadores e intercâmbios culturais que vazam para a mídia as suas implacáveis preferências. Se há alguma coisa de uma evidência chocante, é o quase fetichismo ligado a chamada “pintura a óleo sobre tela” (pintura de cavalete), em detrimento de todas as outras técnicas artísticas. Por exemplo: jamais uma escultura de Picasso chegaria ao preço de um

quadro a óleo (*Menino com cachimbo*), vendido num leilão por 104 milhões de dólares. Portanto, não é de espantar que o mundo acadêmico e as escolas de arte sofram essa mesma influência. Além disso, o século XIX com os seus conceitos de artes maiores e artes menores foi taxativo em considerar que tudo o que não fosse pintura a óleo sobre tela e escultura talhada em mármore de Carrara era arte menor. Daí a cerâmica ser tida como uma arte apenas decorativa e utilitária ou mesmo arte aplicada. Em parte, o mundo moderno corrigiu essa “bobagem”, pois grandes artistas como Gauguin, Picasso, Léger, Matisse, Miró fizeram cerâmica com absoluto sucesso.

JU – Qual a razão da mulher ter uma presença tão marcante em tua produção artística?

Brennand – Desde a pré-história, as mulheres foram divinizadas, sobretudo pelo culto da fertilidade. O grande enigma do universo é a reprodução. As coisas são eternas porque se reproduzem. Meu “olhar amoroso” sobre a mulher é apenas o olhar de um homem, daí minhas preferências temáticas.

JU – Em 2003, inauguraste o Espaço Cultural Accademia, que apresenta uma seleção de teus desenhos e pinturas. O lugar funciona como uma iniciação ao teu universo artístico?

Brennand – Sou um escultor com coração de pintor. Todos os meus grandes prêmios na juventude foram prêmios de pintura, desde o Salão do

Museu do Estado de Pernambuco, há 61 anos. Sou um escultor que trabalha com cerâmica, mas não aceito o rótulo de ceramista. Este equívoco provém da atividade industrial da minha família. Em 1917, meu pai fundou a Cerâmica São João da Várzea, onde hoje funciona o meu ateliê, conhecido como Oficina Cerâmica. Trabalhei durante 37 anos na reforma desse conjunto fabril em ruínas (o que os europeus chamam de Arqueologia industrial) e consegui povoá-lo, nos espaços interiores e exteriores, com cerca de 2 mil esculturas. A intensa visibilidade desse conjunto escultórico fez com que as novas gerações não se apercebessem que jamais havia deixado a pintura de lado. Apenas eu não poderia expô-las ao lado das esculturas por conta das emanções dos fornos, altamente prejudiciais aos pigmentos dos quadros. Pintando em outro ateliê, pouco a pouco, essa atividade começou a tomar a aparência de algo secreto e como minhas exposições de pinturas diminuíram consideravelmente no mercado de arte, pareceu estranho a muitos que a partir de 2003, aparecessem cerca de mil quadros na Reserva Técnica da Accademia. Esse espaço, incluindo o Auditório, nada tem a ver com o meu universo artístico que se resume a um pequeno ateliê onde continuo a trabalhar meus quadros.

JU – O livro *Brennand Desenhos*, de Weydson Barros Leal, chamou a atenção para a tua desconhecida relação com a fotografia. Quais os fru-

tos dessa aproximação com a linguagem fotográfica?

Brennand – Desde 1972, de posse de uma máquina *Polaroid*, comecei a registrar fotograficamente certas coisas que me escapavam ao olhar e a memória. Algumas dessas fotos se transformavam em desenhos ou pinturas e, logo adiante, eram sempre reelaboradas de outra maneira e se modificavam num novo quadro. Poderia dizer, como Picasso, que meus trabalhos não são senão a soma de muitas destruições. Coleciono tudo aquilo que pode me servir de inspiração para pinturas ou esculturas. Esta é a linguagem que continua a render frutos. Não é difícil verificar que há uma grande liberdade de interpretação das formas nos meus quadros e desenhos, retirando-lhes totalmente o caráter de artista realista, neo-realista ou hiper-realista. Quem diria, por exemplo, que minhas esculturas tão intensamente deformadas também partiram, originariamente, de fotos ou de fragmentos de fotos ou de esquadrejamentos propostos até chegar a uma figuração idealizada. Enfim, aquilo que o pintor neoclássico francês Ingres definia como: “A deformação é uma homenagem a forma”.

JU – Diz-se que produztes tanto que estás quase sendo expulso de teu ateliê por tuas próprias obras. O que te impulsiona?

Brennand – Dizem que Picasso, quando ainda em Paris, tinha de mudar de ateliê pela simples razão deles ficarem repletos de pinturas e

desenhos. E deve ser verdade porque não existe na história da pintura nenhum artista que tenha produzido tantos artefatos: pinturas, desenhos, gravuras, cerâmicas, linóleos, litografias, esculturas, xilogravuras, chegando próximo de 40 mil peças. Minha produção junto daquela do genial espanhol, pode ser considerada normal para um artista apaixonado pela sua profissão.

JU – Já havias apresentado obras tuas em Porto Alegre? Que artistas gaúchos tu conheces?

Brennand – O intercâmbio cultural brasileiro não nos permite essas aventuras e é preciso levar em conta que nascemos e moramos num continente. Já expus em Curitiba, que eu supunha ser muito perto de Porto Alegre, mas não era. Pensava muito em conhecer a Serra Gaúcha, mas acabei desistindo. Conheci o escultor Francisco Stockinger e o pintor, desenhista e gravador Carlos Scliar. Em 1961, na Galeria São Luis, em São Paulo, quando arrumava uma exposição de pinturas a óleo, Stockinger estava acabando de expor esculturas. Fizemos uma boa amizade. Admiro enormemente a pintura de Iberê Camargo e achei louvável a idéia do museu-fundação, com projeto do genial Álvaro Siza. O arquiteto chegou a pensar em revestir as paredes do museu com ladrilhos cerâmicos brancos, mas dificuldades técnicas me impediram de colaborar nesta obra-prima, hoje realizada com perfeição em concreto branco.

Redação Jacira Cabral da Silveira | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Mostra Vaga-lume

Instituto de Artes promove a criação artística através da produção de vídeo



PELO SÉTIMO ANO consecutivo, o Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS promove a Mostra de Vídeo Experimental Vaga-lume. A exibição, que deve ocorrer em outubro deste ano, abre suas inscrições no dia 29 deste mês e apresenta novidades.

Idealizada pela professora Maria Lucia Cattani em 2000, a mostra nasceu da necessidade de trazer a público a crescente produção de vídeos por parte dos alunos do Departamento. Na época, não havia uma disciplina direcionada exclusivamente para a área de vídeo no currículo dos cursos de graduação. O nome Vaga-lume foi escolhido para simbolizar algo pequeno, mas lumino-

so. As seis primeiras edições trouxeram à Pinacoteca Barão de Santo Ângelo um público superior a mil pessoas, com a participação de mais de 200 alunos, 10 professores e oito artistas. Os vídeos exibidos na mostra ultrapassaram fronteiras, conquistando espaços na UFRGS TV, na TVE, na Universidade Federal da Bahia e na Universidade Politécnica de Valência (Espanha). Neste ano, o evento conta com o apoio do Lab 71 e dos professores Alberto Semeler, Eny Schuch, Sandra Rey, Ana Carvalho e Renato Heuser.

Além da participação de docentes do Instituto de Artes e de artistas convidados, a sétima edição da



Mostra Vaga-lume traz um elemento novo: um concurso deverá premiar com equipamentos os melhores vídeos apresentados. De acordo com o regulamento, a escolha será feita por uma Comissão de Seleção, tendo como critérios a qualidade e a originalidade, tanto da forma quanto do conteúdo de cada vídeo.

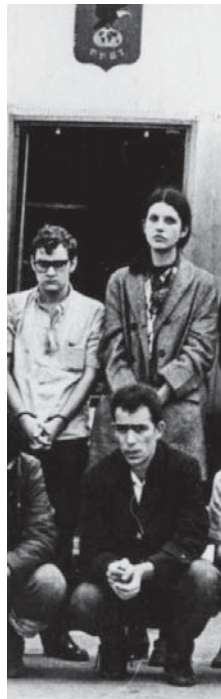
As inscrições ocorrem em duas etapas. De 29 de setembro a 6 de outubro, os interessados terão que enviar suas fichas preenchidas para o endereço eletrônico ppgavi@ufrgs.br. Em 15 de outubro, será realizada a inscrição presencial, quando o candidato ou seu representante deverá comparecer ao Laboratório 71 (Rua Senhor dos Passos, 248 - 7º

andar), das 14h às 18h, apresentando uma cópia do material em DVD, a ficha de inscrição preenchida e assinada e o seu comprovante de matrícula. Podem participar como exibidores alunos de graduação e pós-graduação do Instituto matriculados no semestre 2008/2. Os vídeos selecionados serão exibidos de 18 a 28 de novembro, das 10h às 18h, na Pinacoteca do Instituto de Artes. Outras informações podem ser obtidas no site www.artes.ufrgs.br/vagalume_7. Os vídeos das mostras anteriores estão disponíveis na biblioteca do IA e no Centro de Documentação do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. (PAULA VIEIRA)

CINEMA

1º Clique: a pesquisa com imagens em movimento

Mostra de documentários tendo por base pesquisa em acervo de museus. As sessões serão seguidas de debates com os pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais e do Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS.



HÉRCULES 56 (Brasil, 2006, 93min.), de Sílvio Da-Rin Documentário sobre a luta armada contra o regime militar, focado no seqüestro do embaixador Charles Elbrick, em 1969. Sessão: 25 de setembro, quinta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 16h Entrada franca

TEM QUE SER BAIANO? (Brasil, 1993, 32min.), de Henri Gervaiseau Sequência de entrevistas e imagens do passado e do presente da comunidade nordestina em São Paulo. Depoimentos de migrantes anônimos e famosos, como Lula e Luiza Erundina. Sessão: 25 de setembro, quinta-feira Local e horário: Sala Redenção às 17h40min Entrada franca

EM TRÂNSITO (São Paulo, 2005, 98min.), de Henri Gervaiseau Diariamente, 17 milhões de pessoas circulam por São Paulo, através dos mais variados meios de transporte. O documentário registra depoimentos de quem enfrenta os problemas do trânsito paulista. Às 20h, haverá um bate-papo com a presença do diretor. Sessão: 25 de setembro, quinta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Entrada franca

NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS (São Paulo, 1999, 73min.), de Marcelo Masagão Leitura cinematográfica da obra *Era dos extremos*, de Eric Hobsbawm, reconstruindo o século XX através de imagens. Sessão: 26 de setembro, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 16h Entrada franca



NOITE E NEBLINA (França, 1955, 32min.), de Alain Resnais Um alerta contra o nazismo e todas as formas de extermínio, que mescla imagens dos campos de concentração e filmes de arquivo. Sessão: 26 de setembro, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 17h15min Entrada franca

A CIDADE E O TEMPO (Porto Alegre, 1970, 11min.), de Antônio Carlos Textor A Porto Alegre do início do século, num filme que tenta reconstituir o tempo perdido de uma cidade que já não existe. Sessão: 26 de setembro, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 17h50min Entrada franca



A TRADIÇÃO DO BARÁ DO MERCADO PÚBLICO (Porto Alegre, 2008, 55min.), de Ana Luiza Carvalho da Rocha Relatos de sete religiosos sobre o fundamento afro-religioso do Bará do Mercado Público, a partir de suas experiências na capital gaúcha. Sessão: 26 de setembro, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h15min Entrada franca

MUSEU DA MARÉ - MEMÓRIAS E (RE)EXISTÊNCIAS (Rio de Janeiro, 2007, 52min.), de Regina Abreu e Pedro Sol Reflexão sobre o papel social dos museus na construção de referências para a população. Sessão: 28 de setembro, domingo Local e horário: Sala Redenção, às 14h10min Entrada franca

MATARAM MEU GATO (Rio de Janeiro, 2006, 16min.), de Ana Rieper e Maria José Alfaro As favelas cariocas a partir das trajetórias dos integrantes da escola de samba "Gato de Bonsucesso", sediada na favela da Maré. Sessão: 28 de setembro, domingo Local e horário: Sala Redenção, às 15h Entrada franca

EN REMONTANT LA RUE VILLIN (França, 1992, 49min.), de Georges Perec e Robert Bober Escritor tenta reencontrar-se com o

bairro e a rua de sua infância, transformados pelo processo de reurbanização. Sessão: 28 de setembro, domingo Local e horário: Sala Redenção, às 15h20min Entrada franca

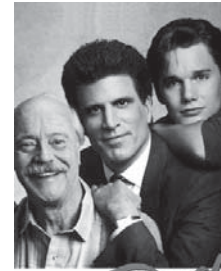
BIOGRAFIA DE UMA MINA (Portugal, 1998, 45min.), de Filipe Verde A trajetória social e econômica da mina portuguesa de São Domingos. Sessão: 28 de setembro, domingo Local e horário: Sala Redenção, às 16h30min Entrada franca

RIO DE MEMÓRIAS (Brasil, 1992, 33min.), de José Inácio Parente A história do Rio de Janeiro e da fotografia, de 1840 até o começo do século XX. Sessão: 28 de setembro, domingo Local e horário: Sala Redenção, às 17h15min Entrada franca

PORTO ALEGRE - MEU CANTO NO MUNDO (Porto Alegre, 2007, 74min.), de Cicero Aragon e Jaime Lerner A capital gaúcha representada através de cenas ficcionais e depoimentos de seus habitantes. Sessão: 28 de setembro, domingo Local e horário: Sala Redenção, às 19h15min Entrada franca

Cinema para a Terceira Idade

Promoção do curso de especialização em Gerontologia Social do Instituto de Psicologia e Sala Redenção. Debate após a sessão.



MEU PAI, UMA LIÇÃO DE VIDA (EUA, 1989, 117 min.), de Gary David Goldberg Executivo ocupado tem que mudar de vida quando descobre que o pai está à beira da morte. Sessão: 26 de setembro, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 13h Entrada franca

A invenção da infância

(Brasil, 2000, 26 min.), de Liliãna Sulzbach Documentário que mostra as diferenças entre as vidas das crianças do Sul e do Nordeste do país. Sessão: 29 e 30 de setembro; e 2 e 3 de outubro Local e horário: Sala Redenção, às 13h Entrada franca

CURSOS & ALESTRAS

Extensão em fotojornalismo

Curso organizado pelo Núcleo de Fotografia da Fabico que abordará o fotojornalismo diário, documental e de revista. As aulas serão ministradas por Sandra Gonçalves, fotógrafa, designer, documentarista social e professora de fotografia da Faculdade. Período: de 29 de setembro a 14 de outubro Inscrições e informações: telefone 3308-5147 ou através do e-mail lexis@ufrgs.br

Desafios contemporâneos para a Educação

Conferência nacional que integra as comemorações dos 38 anos da Faculdade de Educação. A atividade irá examinar e discutir as políticas públicas educacionais com especialistas e representantes da comunidade acadêmica e educacional. Data: 22 de setembro, segunda-feira Local e horário: Salão de Ato, das 19h às 22h Informações: 3308-3101

Seminário Esporte: temas contemporâneos

Realização do Centro de Memória do Esporte e do Núcleo da Rede Cedex ESEF-UFRGS, com o apoio do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Informações pelo telefone 3308-5879, das 14h às 17h.

ESPORTE E VULNERABILIDADE Palestrante: Méri Rosane dos Santos Silva - FURG Data: 26 de setembro, sexta-feira Local e horário: Sala de Seminários do CEME, às 14h

ONDE?

AUDITORIUM TASSO CORRÊA Rua Senhor dos Passos, 248 Fone: 3308-4318

ESEF Rua Felizardo, 750 Fone: 3308-5836

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO Ramiro Barcelos, 2.705 Fone: 3308-5067

MUSEU DA UFRGS Av. Osvaldo Aranha, 277 Fone: 3308-3436

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO Rua Senhor dos Passos, 248 Fone: 3316-4302

SALÃO DE ATOS Av. Paulo Gama, 110 Fone: 3308-3066

SALA REDENÇÃO Luiz Englert, s/nº Fone: 3308-3390

SALA QORPO SANTO UNIVERSIDADE-ESCOLA Luiz Englert, s/nº Fone: 3308-3080

MÚSICA

Projeto Unimúsica

A série *Contrapontos* convida artistas que já participaram do projeto e reedita a amostragem de produções de alunos.



CARLOS MALTA E GISELE SALDANHA Espetáculo inspirado no conto *A Sedução*, de Domingos de Oliveira, com músicas e arranjos originais de Carlos Malta. Data: 2 de outubro, quinta-feira Local e horário: Salão de Ato, às 19h Retirada de senhas a partir de 29 de setembro, no Museu da UFRGS, das 9h às 18h, mediante doação de 1kg de alimento não perecível, ou pelo site www.difusao.cultural.ufrgs.br/agendamento.

Recitais

Programação de música erudita organizada pelo Departamento de Música do Instituto de Artes.

CANTO E PIANO Recital com os professores Sílvio Carvalho (canto) e André Loss (piano). Data: 24 de setembro, quarta-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 20h30min Entrada franca

VIOLÃO Recital em comemoração ao centenário do Instituto de Artes. Data: 25 de setembro, quinta-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 19h30min Entrada franca

TEATRO

Experimento Nelson 1

Exercício cênico elaborado por alunos do curso de Artes Cênicas, que utiliza diferentes textos da obra de Nelson Rodrigues para oferecer ao espectador uma nova perspectiva do universo dramático desse autor. A temporada é uma promoção do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão. Elenco: Alexandre Antunes, Danuta Zaghetto, Eduardo Engers, Evelise Mendes, Fabiana Santos, Pablo Damian, Patrick Peres, Rodrigo Fiatt, Sofia Vilasboas e Tefa Polidoro. Na concepção desse exercício, os alunos do DAD contaram com a orientação dos professores Cristiane Werlang, Gisela Habeyche e Xico de Assis. Apresentação: 24 de setembro, quarta-feira Local e horários: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min Entrada franca

O balcão

A peça explora a metateatralidade da obra de Jean Genet, através da improvisação entre dois times de prostitutas. Espetáculo para o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, com orientação de Maria Falkembach e Ramiro Silveira e direção de Ana Paula Zanandrea. Elenco: Douglas Carvalho, Elisa Volpatto, Kayane Rodrigues, Nara Wagner, Paola Moraes, Priscila Colombi, Ridete Pozzetti e Vanessa Silveira. Apresentações: 1º, 8, 15, 22 e 29 de outubro, quartas-feiras Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



Giba e Eunice aproveitam o pátio da Escola de Enfermagem

Um ponto de partida

Tudo começa com o café. O atraente aroma se espalha pelo ar, circula em volta do pequeno espaço no qual ficam as térmicas, e segue pelos corredores, chegando ao pátio onde os alunos descansam durante o intervalo das aulas. Um homem moreno de baixa estatura repõe o "combustível" regularmente. As pessoas riem e conversam em torno dos arbustos que compõem o ambiente, tomam o café, sentam nos bancos, trocam confidências e combinam estudos ou festas. O nome do responsável pela bebida é Gilberto Santos, porém aqui ninguém o conhece assim: se precisar falar com ele, melhor procurar por Giba, administrador do prédio da Enfermagem.

E foi a partir dele que a Escola ganhou mais um ponto de encontro, ou melhor, de partida. O cantinho do café, como foi apelidado carinhosamente pelos alunos, nasceu há cerca de sete anos, quando a famosa bebida ansiava por um lugar próprio. "As pessoas procuravam muito pelo meu café na época em que trabalhava no setor de audiovisual da Escola. Então, a direção teve a idéia de criar um lugar exclusivo", explica Giba. Acabaram elegendo um recanto de cerca de quatro metros quadrados, localizado abaixo da escada de acesso ao primeiro andar do prédio. "O lugar não estava sendo utilizado. Era triste até", recorda o administrador. O investimento deu certo e hoje o espaço é um dos responsáveis pela integração entre todas as instâncias da Escola.

O cantinho do café acabou tornando-se um irradiador de boas relações, um ponto de partida para novas amizades que nascem no pátio da Escola de Enfermagem. "Eu diria que é como uma família, somos uma equipe, seja com os nossos professores, funcionários, ou colegas", afirma a ex-aluna do curso, Eunice Hilleshein, que ainda faz visitas à Escola. Ela conhece Giba desde que entrou na UFRGS, e também acha ótima a bebida, mas não esconde que o melhor de tudo é a integração que ela proporciona. "Quando tomo o café aqui no pátio com os meus amigos, que são minha família, sinto-me como se estivesse em minha própria casa."

Giba é uma pessoa de visão. Desde 1983 na Universidade, já trabalhou em quase todos os setores da Escola de Enferma-

gem. Passou 11 anos na parte de xerox, depois foi para o audiovisual e acabou na zeladoria do prédio, regulando e melhorando a integração entre alunos e funcionários. Partiu dele, também, a sugestão de acumular o máximo de disciplinas no prédio do próprio curso. Matérias que antes eram ministradas nos diferentes *campi* da UFRGS agora são desenvolvidas na Escola, aumentando a chance de os alunos se conhecerem mais. "É bom, pois eles têm mais oportunidade de trocar experiências, além da comodidade", afirma o administrador.

O cantinho se mantém com o apoio dos "clientes": alunos, professores e funcionários. Para isso, Gilberto instituiu uma caixinha - que é repassada durante as aulas do curso para coletar o dinheiro. O administrador é responsável pela compra do produto e dos outros materiais para a sua preparação. Não há bar no prédio da Enfermagem - o mais próximo fica na Faculdade de Farmácia - talvez esse fato tenha contribuído ainda mais para a popularização da bebida de Giba. Porém, se existisse algum estabelecimento comercial, teria que suar para concorrer com o já tradicional cafezinho do setor administrativo da Escola. Um fato curioso é que Giba prepara, mas confessa não ser viciado na bebida. "Faço o café, mas só tomo de vez em quando. Gosto é do cheiro dele." Curiosidades à parte, a bebida também auxilia nas horas de sono: muita gente que ainda não acordou procura o estimulante para despertar.

O café, na realidade, ajudou a comunidade da Escola de Enfermagem, motivando-a a uma maior integração. Principalmente dentro de um curso em que o contato humano será fundamental na rotina de trabalho. Giba parece ter assumido essa responsabilidade de reunir as pessoas e de tentar humanizar o lugar cada vez mais. A famosa bebida é encarada como uma desculpa para uma reunião, para uma conversa. O cantinho do café é só um ponto de partida para as várias relações entrelaçadas que compõem a Escola, construindo, de certa forma, todos a sua volta.

Rafael Gloria - estudante do 4º semestre de Jornalismo na Fabico

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história - ou a de alguém que você conheça - com esse local

Perfil "Não tem preço"

**Sala de aula
Maria Helena
reconhece o valor
de conviver
com os alunos
e ensinar Ciência**

Caroline da Silva

Maria Helena Steffani é aquela professora doutora em Física, com pós-doutorado na Alemanha, apaixonada pela sala de aula. Com uma pesquisadora desse tipo, é possível discutir a essência da educação. Foi uma criança curiosa, de família humilde, aluna em colégios públicos, que hoje critica a ditadura do livro-texto nas escolas, emociona-se com relatos de ex-alunos e chora em formaturas.

"Ô, mãe, de quem tu gostas mais, de mim ou da Física?". Maria Helena teve que ouvir essa pergunta em um almoço. Quem culparia o guri de seis anos pela indagação? Pensando em seguir vida acadêmica, a professora nunca achou que tivesse vocação para a maternidade. "Aliás, estou convicta de que eu não tenho. Assim que terminei o doutorado, pedi uma bolsa para fazer o pós-doutorado na Alemanha e o Giancarlo chegou junto com ela." Os dois primeiros anos de vida do menino foram no país germânico, graças à dedicação exclusiva do pai, que já com 53 anos se aposentou e mudou-se com a família para a Europa.

O objetivo de Maria Helena sempre foi dedicar-se à Física, à Ciência, à Universidade. Hoje, ela fica feliz por ter tido também a experiência de mãe: "O Giancarlo abriu uma outra porta, uma nova visão. Acho que a vida não teria valido tanto a pena sem essa janela". Apesar de não ser presente em casa, a pesquisadora percebe que é um referencial para o garoto: "Ele admira o meu trabalho. É um exemplo que se deixa para os filhos. Não se trabalha só pelo salário. É pelo amor, pelo envolvimento, com a certeza de que o que tu estás fazendo não é importante só para o teu crescimento pessoal, mas para todo um contexto social".

Os causos da Extensão - Esse é o título do livro que a docente brinca que deveria escrever. Extensionista desde 1981, quando se envolveu em um curso que o Instituto de Física oferece para alunos de ensino médio, Maria Helena assegura que esse tipo de iniciativa a deixa muito feliz: "Sempre achei que a Universidade precisa manter um vínculo direto com a sociedade". Sobre o curso de extensão, que funciona ininterruptamente desde 1965, comenta: "Uma vez por semana, estudantes do ensino médio vêm para a Universidade e têm aulas que são ministradas pelos licenciandos", explica, acrescentando que os conteúdos são previamente preparados por um professor que orienta o trabalho e acompanha seu andamento. Desse curso, ela conta um "causo" emocionante. Mesmo acreditando no que fazia e dedicando-se às aulas, a docente confessa que ficava preocupada quando um desses secundaristas resolviam fazer a graduação em Física, porque há uma diferença grande entre o que aconte-



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

ce num curso de extensão e o curso propriamente dito. "É fácil de entender, entram 100 pessoas por ano e se formam 15." O receio vinha pelo fato de que a influência seria sua e o jovem poderia se decepcionar e não continuar na faculdade. Certa vez, ingressou um rapaz que, depois de três ou quatro meses, sumiu. "Passou um ano... Vou ter dificuldade de falar, porque sempre me emociono com essa história". Restabelecida, a educadora segue a narrativa dizendo que ele foi até a sua sala para lhe dizer que teve que abandonar o curso, pois seu pai havia morrido e, por ser o mais velho de uma família com problemas econômicos, precisou arranjar emprego. Era seu primeiro dia de férias e tinha ido lhe agradecer porque havia sido admitido em uma empresa de componentes eletrônicos graças ao curso de extensão. Era o único candidato que sabia o que era um capacitor. "Capacitor era a minha aula predileta nesse curso, ele sabia disso. Não tem preço!"

A pesquisadora é marcada pelo desafio constante de saber mais sobre qualquer coisa em que estiver envolvida: "Tenho a sensação de que quanto mais se estuda, menos se sabe". Ela sempre pensou que o saber que se acumula dentro da Universidade tinha que ser mostrado fora dela, através de um caminho de duas vias com o meio social. E se sentia responsável por fazer isso. Hoje, sua motivação é despertar na criança, desde a mais tenra idade, o gosto pela ciência, o prazer de estudá-la.

"Tenho a sensação de que quanto mais se estuda, menos se sabe"

Planetário - Maria Helena Steffani é diretora do Planetário Prof. José Baptista Pereira desde dezembro de 2002. A administração era uma experiência que não tinha e jamais imaginou ter. "É uma aprendizagem um pouco dura às vezes. Ainda me sinto despreparada." Por outro lado, há a vivência com escolas e crianças, que saem de lá fascinadas. "O Planetário tem prestado uma contribuição fantástica, são mil crianças por semana e quase 50 mil pessoas por ano."

"Em março de 2003, suspendi a cobrança do ingresso dominical e instituí como pagamento a doação de um quilo de alimento não-perecível. Anualmente, recolhemos cinco toneladas de alimentos, sendo que a cada domingo uma entidade filantrópica recebe as doações." A professora reconhece que talvez mais importante que a coleta dessa quantidade de alimentos é a constituição de um público expressivo, composto de famílias como a sua, de origem humilde, "que não poderiam ir ao Planetário há alguns anos e, hoje em dia, têm acesso".

DADOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE Geografia e Estatística (IBGE) do Censo 2000 revelaram que o Rio Grande do Sul é o estado que, proporcionalmente, concentra o maior número de adeptos da umbanda e do candomblé no país: 1,63% da população declarou que cultua a religião dos orixás. Famosos por seus terreiros e mães-de-santo, apenas 0,09% dos baianos afirmou ser da religião.

Para os técnicos do IBGE, mais surpreendente que a desmistificação da Bahia como símbolo da religião afro-brasileira é o crescimento da presença do candomblé (no sul chama-se batuque) e da umbanda entre os gaúchos.

O Censo também revelou que, enquanto no país como um todo houve uma redução de 0,4% para 0,3% de brasileiros que se declararam pertencentes às religiões afro-brasileiras. No estado do Rio Grande do Sul, para o mesmo grupo religioso, houve um aumento de declarações de pertencimentos da ordem de 1,2% para 1,6%, representando uma variação positiva de 33,6%.

Conforme o antropólogo e professor da UFRGS Ari Pedro Oro, batuque é o nome dado no estado à religião de matriz africana que cultua os orixás. É também conhecida como “nação”, em memória das nações africanas dos antepassados que aportaram nesse território (Oió, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô), a tal ponto que é comum seus fiéis dizerem: “eu sou de nação”. A umbanda - que reverencia os “caboclos” (índios), os “pretos-velhos”, os “Ibeji” (“Cosmes”, espíritos infantis) e os orixás da umbanda - e a Linha Cruzada, ou Quimbanda - que cultua os Exus, as pombagiras e os ciganos - completam o repertório das religiões afro-gaúchas.

As fotos aqui publicadas fazem parte da exposição fotográfica *Cavalo de Santo*, fruto da cumplicidade entre a força do povo de religião, a dedicação da fotógrafa e a magia da luz que percorreu seres e coisas na materialização deste inventário visual das religiões afro-brasileiras em terras gaúchas. As imagens da autora são um trabalho documental que não pára no registro do fato ocorrido, mergulha neste fato, interage com ele, provoca e viabiliza a representação/interpretação que revela a construção de todo um universo simbólico. Resultado de pesquisa calcada na vivência das cerimônias, sedimentada na confiança mútua, em que a técnica dialoga diretamente com a generosidade dos personagens, compartilhando toda a força e o esplendor de sua religião.

Na opinião de Sérgio Gonzaga, secretário de Cultura de Porto Alegre, em uma região que tende a se ver como branca, a religiosidade afro-brasileira é freqüentemente ignorada, apesar de sua enorme vitalidade na capital e no interior.



MIRIAN FICHTNER nasceu em Porto Alegre e trabalhou em alguns dos principais jornais brasileiros, entre eles: Zero Hora, O Globo, O Dia, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e para as revistas Veja, Exame, Época e Isto É, entre outras. A exposição *Cavalo de Santo* foi exibida no Santander Cultural.

Cavalo de Santo

FOTOS E TEXTO **MIRIAN FICHTNER**

RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS

